

THAIS FRANCO DE PAULA

**ESTUDO DO PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO DO  
VERBO *DANAR* PARA MARCAÇÃO DE ASPECTO NO  
PORTUGUÊS BRASILEIRO**

BELO HORIZONTE  
FACULDADE DE LETRAS DA UFMG

2014

Thaís Franco de Paula

**ESTUDO DO PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO DO  
VERBO *DANAR* PARA MARCAÇÃO DE ASPECTO NO  
PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva

Linha de pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística

Orientadora: Professora Dr<sup>a</sup> Sueli Maria Coelho

Belo Horizonte  
Faculdade de Letras da UFMG

2014

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

P324e Paula, Thaís Franco de.  
Estudo do processo de gramaticalização do verbo DANAR para marcação de aspecto no Português Brasileiro [manuscrito] / Thaís Franco de Paula. – 2014.  
91 f., enc. : il., tabs., grafs., color., p&b.

Orientadora: Sueli Maria Coelho.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 87-91.

1. Língua portuguesa – Gramática – Teses. 2. Língua portuguesa – Verbos – Teses. 3. Mudanças linguísticas. I. Coelho, Sueli Maria. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD : 469.5



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS



## FOLHA DE APROVAÇÃO

**Estudo do processo de gramaticalização do verbo DANAR para  
marcação de aspecto no Português Brasileiro**

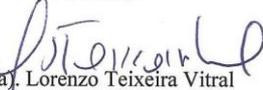
**THAÍS FRANCO DE PAULA**

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Aprovada em 20 de fevereiro de 2014, pela banca constituída pelos membros:

  
Prof(a). Sueli Maria Coelho - Orientador  
Universidade Federal de Minas Gerais

  
Prof(a). Johnny José Mafra  
PUC/MG

  
Prof(a). Lorenzo Teixeira Vitral  
Universidade Federal de Minas Gerais

Belo Horizonte, 20 de fevereiro de 2014.

## AGRADECIMENTOS

Ao Deus da minha vida, verdadeira fonte de sabedoria e Senhor de todas as letras. A minha mãe celeste, Nossa Senhora das Graças, que me carregou no colo nos momentos em que eu sentia que ia fraquejar e me concedeu, por intermédio do Pai, esta graça.

A minha orientadora Sueli Maria Coelho, por me iniciar na pesquisa linguística e me acompanhar com tanta dedicação, carinho e cuidado em todos os detalhes. Agradeço-lhe por sempre me incentivar a seguir em frente e por acreditar em mim. Foi também me espelhando em sua fortaleza e determinação que pude chegar até aqui.

À Universidade Federal de Minas Gerais e ao Programa de Pós Graduação em Estudos Linguísticos, pela oportunidade de desenvolver esta pesquisa e por ser minha casa de crescimento intelectual e pessoal.

À CAPES, pelo fomento a esta pesquisa.

Aos professores Lorenzo Vitral, Jânia Ramos, Mario Alberto Perini, Beth Saraiva, César Cambraia e Luciane Correa, por compartilharem o saber.

As minhas amigas, companheiras de disciplinas, angústias e sonhos, Glenda, Elizene, Carolina, Natália e Simone, pelo companheirismo.

Aos meus pais, pelo amor incondicional e por entenderem minha ausência em tantos momentos.

Ao Thiago, por estar sempre ao meu lado.

A minha avó, pelas orações.

A todos os meus familiares, por torcerem por mim.

A Lia, por me acolher em Belo Horizonte.

Ao amigo Eclair, por me apresentar a possibilidade do caminho da pesquisa linguística, por caminhar comigo e sempre me incentivar, minha eterna gratidão.

À amiga Milene, por ser um exemplo que me impulsiona desde a graduação e por compartilhar comigo não só a casa, mas também as alegrias e dores da profissão.

A todos os colegas e alunos da E.E. Governador Milton Campos, pelo apoio.

A todos que, de certa forma, contribuíram para a realização deste sonho.

## RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo diacrônico do processo de gramaticalização do verbo DANAR no Português Brasileiro. Defendemos que este verbo está passando por um processo de inovação linguística, integrando a construção  $V1_{\text{DANAR}} + (\text{pron}) + (\text{prep}) + V2_{\text{infinitivo}}$  para marcar o aspecto inceptivo com prolongamento da ação em ocorrências do tipo: “Ele *danou a falar*”, “Eu *danei a chorar*”. Com o objetivo de descrever a recategorização do verbo DANAR, o qual vai se abstraindo semanticamente até assumir função gramatical, realizamos uma pesquisa na interface gramaticalização/variação linguística. Para isso, lançamos mão do banco de dados *Corpus do Português*, o qual nos ofereceu ocorrências de DANAR, no Português Brasileiro, nos séculos XIX e XX. Partindo da hipótese de que DANAR se torna mais gramaticalizado no século XXI, e mediante a constatação de que a construção que ele integra é mais típica de contextos informais orais, lançamos mão da rede social *Twitter* como fonte de dados, uma vez que nela encontramos registro escrito de contexto informal. Analisamos a gramaticalização de DANAR com base em critérios semânticos, sintáticos e de frequência. Também submetemos os dados aos princípios de Hopper (1991). Os resultados obtidos comprovaram que DANAR está, de fato, passando por um processo de gramaticalização.

**PALAVRAS-CHAVE:** Verbo DANAR. Gramaticalização. Aspecto verbal.

## ABSTRACT

This essay aims to show a diachronic study of the grammaticalization process of the verb “DANAR” from the Brazilian Portuguese. We sustain that this verb is passing through a linguistic innovation process, integrating the construction  $V1_{\text{DANAR}} + (\text{pron}) + (\text{prep}) + V2_{\text{infinitive}}$  towards a marking of the the inceptive aspect that cumulates with the process of making the action longer (durative aspect) in events such as: “Ele danou a falar”, “Eu danei a chorar”. We’d like to describe the recategorization of the verb “DANAR”, which has been semantically disregarding until assuming a grammatical function, that is why we carried out a search in the linguistic grammaticalization / variation. In order to do so we draw on a data base *Corpus do Português*, which has offered us some occurrences of “DANAR”, in the Brazilian Portuguese, in the centuries XIX and XX. Through the hypothesis that “DANAR” has been becoming more grammaticalized in the XXI century and with the verification that its integrated construction is more typical in informal oral contexts, we used the social network *Twitter* as a data source, once we have found on it a written register of informal context. We have verified the grammaticalization of “DANAR” based on semantic, syntactic and frequency criterion. We have also submitted the data under Hopper (1991) principles. The obtained results confirm that “DANAR” is actually passing through a grammaticalization process.

**KEYWORDS:** “DANAR” verb. Grammaticalization. Verbal aspect.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - <i>Tweet</i> com ocorrência de DANAR.....	10
FIGURA 2 - Etapa de busca no <i>Corpus do Português</i> .....	41
FIGURA 3 - Ocorrências fornecidas pelo <i>Corpus do Português</i> .....	42
FIGURA 4 - Ocorrência de DANAR em contexto ampliado do <i>Corpus do Português</i> .....	42
FIGURA 5 - Ferramenta de busca no <i>Twitter</i> .....	46
FIGURA 6 - Esquema de abstração do verbo DANAR.....	55
FIGURA 7 - Construções para marcação de aspecto inceptivo localizadas no <i>Twitter</i> .....	72

## LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - Tendência de usos do verbo DANAR no curso do tempo.....	54
GRÁFICO 2 - Tipos semânticos de V2.....	68
GRÁFICO 3 - Análise diacrônica da frequência de DANAR concreto/abstrato.....	71

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Análise diacrônica da frequência lexical/gramatical do verbo DANAR no <i>Corpus do Português</i> .....	52
TABELA 2 - Análise diacrônica da frequência do verbo DANAR lexical/gramatical no <i>Twitter</i> .....	53

## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO 1:A GRAMATICALIZAÇÃO PARA MARCAÇÃO DE ASPECTO.....</b>	<b>16</b>
<b>1.1 O ASPECTO VERBAL .....</b>	<b>17</b>
1.1.1 As noções de perfectividade e de imperfectividade .....	22
1.1.2 Verbos télicos e atélicos .....	26
1.1.3 A perífrase verbal como recurso de marcação de aspecto.....	28
<b>1.2 A GRAMATICALIZAÇÃO .....</b>	<b>30</b>
1.2.1 Mecanismos cognitivos atuantes na gramaticalização: metáfora e metonímia .....	34
1.2.2 Critérios de gramaticalização .....	35
1.2.3 Princípios de Hopper (1991).....	36
<b>1.3 VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA .....</b>	<b>38</b>
<b>CAPÍTULO 2:DESCRIÇÃO DA METODOLOGIA .....</b>	<b>41</b>
<b>2.1 CARACTERIZAÇÃO DO <i>CORPUS</i> .....</b>	<b>41</b>
<b>2.2 DESCRIÇÃO DOS CRITÉRIOS DE ANÁLISE .....</b>	<b>48</b>
<b>CAPÍTULO 3:APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....</b>	<b>51</b>
<b>3.1 ANÁLISE DA FREQUÊNCIA DO VERBO <i>DANAR</i>.....</b>	<b>52</b>
<b>3.2 ANÁLISE DE ASPECTOS SINTÁTICOS DO VERBO <i>DANAR</i> .....</b>	<b>56</b>
<b>3.3 ANÁLISE DE ASPECTOS SEMÂNTICOS DO VERBO <i>DANAR</i> .....</b>	<b>65</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>82</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>87</b>

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

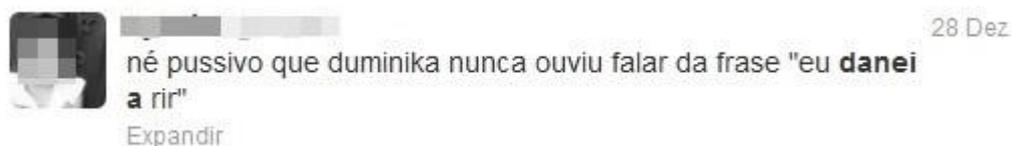


FIGURA 01 - *Tweet* com ocorrência de DANAR

Fonte: *Twitter*

O *tweet* escolhido para epígrafe destas considerações iniciais deixa claro que a construção  $V1_{\text{DANAR}} + (\text{pron}) + (\text{prep}) + V2_{\text{infinitivo}}$ , nosso objeto de estudo, parece desconhecida para alguns falantes, mas tão natural para outros que chega a causar espanto o fato de que alguém nunca a tenha ouvido.

Essa construção diferente e desconhecida por alguns falantes atualiza a categoria gramatical aspecto. A linguística brasileira tem relevantes trabalhos a respeito dessa categoria verbal, entre eles Castilho (1968), Travaglia (1981) e Costa (1990). No entanto, trabalhos sobre essa categoria são menos comuns, o que mostra a relevância de nossa pesquisa e justifica a escolha da categoria aspecto como tema da presente dissertação.

O verbo DANAR, aqui formalizado na construção  $V1_{\text{DANAR}} + (\text{pron}) + (\text{prep}) + V2_{\text{infinitivo}}$ , já foi anteriormente registrado por Travaglia (2002, 2006, 2010) e por Sigiliano (2011, 2012) como marcador de aspecto inceptivo, aquele que “se caracteriza por apresentar a situação em seu ponto de início ou em seus primeiros momentos” (TRAVAGLIA, 1985, p. 111). Vitral e Coelho (2011) também registraram o uso de DANAR marcador de aspecto e avançaram na descrição desse verbo ao registrarem que ele se gramaticaliza para a expressão cumulativa de aspecto, ou seja, para marcar “não apenas o início de uma ação, mas também a sua permanência de modo intensificado” (VITRAL e COELHO, 2011, p. 20). Esses trabalhos, no entanto, não se aprofundaram na descrição do fenômeno de mudança que permitiu que DANAR passasse de verbo pleno a  $V1^1$  de uma construção que marca uma categoria verbal. Além disso, não dispuseram de um *corpus* que permitisse uma descrição mais acurada. Diante disso, este trabalho se propõe a fazer um estudo diacrônico do verbo DANAR no Português Brasileiro, contemplando o período que vai do século XIX ao século XXI, e buscando identificar o percurso de DANAR lexical (verbo com conteúdo nocional) a DANAR

---

<sup>1</sup> Estamos chamando de  $V1$  o verbo que ocupa a primeira posição em uma construção gramatical como a aqui em estudo.

gramatical (verbo desprovido de conteúdo nocional, marcador de categorias gramaticais, como tempo, aspecto, modo, número, pessoa) em ocorrências como *Eu danei a rir*.

Em

- (1) “Compete ao tribunal **danar** o réu” (HOUAISS, 2001),
- (2) “Ler no escuro pode **danar** a vista” (HOUAISS, 2001) e
- (3) “Um cão contaminado pode **danar** uma pessoa” (HOUAISS, 2001),

o verbo DANAR é usado com função lexical, com os sentidos, conforme Houaiss (2001), de (1) condenar judicialmente, (2) causar ou sofrer qualquer espécie de mal, perda ou prejuízo e (3) tornar-se hidrófobo. A função de DANAR nos exemplos acima se diferencia bastante da função assumida por esse verbo no *twett* apresentado na epígrafe e nos exemplos seguintes:

- (4) “A criança **danou a chorar**” (HOUAISS, 2001)
- (5) “Com a música, **danou-se a dançar**” (HOUAISS, 2001)

Em (4) e em (5), o verbo DANAR junta-se a uma preposição e a um verbo no infinitivo, assumindo uma função gramatical: perde conteúdo nocional e passa a marcar a categoria verbal aspecto, a qual tem a função de delimitar a constituição temporal interna da ação.

Com base na observação desses dados, partimos da hipótese de que esse verbo está passando por um processo de gramaticalização para marcação do aspecto inceptivo com prolongamento da ação. Defenderemos, portanto, que a construção aqui em estudo expressa a cumulação do aspecto inceptivo com o durativo. O aspecto inceptivo marca o ponto inicial da ação e o aspecto durativo, a duração da ação. Em (4), por exemplo, DANAR marca que a ação de *chorar* iniciou-se e teve certa duração, prolongou-se no tempo.

Os estudos sobre aspecto verbal apontam as perífrases verbais como um recurso de marcação da categoria, mas optamos aqui pela nomenclatura *construção* para tratar de  $V1_{DANAR} + (\text{pron}) + (\text{prep}) + V2_{\text{infinitivo}}$  como um todo, pois, embora o verbo DANAR tenha passado por um processo de gramaticalização, conforme demonstraremos, e hoje funcione como auxiliar de um verbo principal no infinitivo (V2), acreditamos também que é a unidade como um todo que se torna gramaticalizada, e que os elementos pronome e preposição, embora facultativos hoje na expressão do aspecto inceptivo com prolongamento da ação, trazem uma contribuição linguística no desenvolvimento histórico da construção para a

expressão desse aspecto. O objetivo inicial era verificar a gramaticalização apenas de DANAR, mas os dados mostraram que o fenômeno da gramaticalização atua na construção, de modo que há maior coesão de seus elementos com o passar dos séculos, podendo chegar a desaparecer da construção, no século XXI, o pronome (um resquício do verbo lexical) e a preposição, como se observa na ocorrência a seguir:

(6) “cara eu e minha mae somos as mais animadas da festa a gnt **dana canta**” (TWITTER, grifo nosso).

Assim, nosso objetivo principal consistiu em observar, numa perspectiva diacrônica, a recategorização do verbo DANAR, o qual vai se abstraindo semanticamente até assumir função gramatical de marcador de aspecto. Além disso, perseguimos os seguintes objetivos específicos: (i) analisar e descrever o processo de gramaticalização do verbo DANAR no Português Brasileiro, extraindo dessa análise questões teóricas acerca da variação e mudança linguística, bem como da gramaticalização de construções que, uma vez gramaticalizadas, passam a marcar aspecto; (ii) verificar o processo de mudança sintática e semântica do verbo DANAR, já que seus semas passam por um processo de abstração até incorporar funções gramaticais; (iii) investigar uma possível relação entre expansão gramatical e expansão lexical do item, verificando o curso seguido pelos demais semas que, se não tiveram uma abstração suficientemente acentuada para se gramaticalizar, coexistem na língua exercendo ainda funções lexicais; (iv) localizar o período na história da língua em que o verbo DANAR passa a integrar a construção  $V1_{\text{DANAR}} + (\text{pron}) + (\text{prep}) + V2_{\text{infinitivo}}$  para marcar o aspecto inceptivo com prolongamento da ação, traçando seu *continuum* de gramaticalização; (v) descrever a possível perda do pronome e da preposição no percurso de gramaticalização da construção que passa de  $V1_{\text{DANAR}} + \text{pron} + \text{prep} + V2_{\text{infinitivo}}$  (Danou-se a cantar) a  $V1_{\text{DANAR}} + (\text{pron}) + (\text{prep}) + V2_{\text{infinitivo}}$  (Danou cantar); (vi) verificar e descrever os contextos sintáticos da construção; (vii) testar a hipótese de que, ao contrário do que Travaglia (2010) afirma, DANAR não é concorrente dos verbos *começar/passar* com o valor Inceptivo/Início<sup>2</sup>. A nosso ver, a construção  $V1_{\text{DANAR}} + (\text{pron}) + (\text{prep}) + V2_{\text{infinitivo}}$  não codifica apenas esse aspecto, mas cumula um valor aspectual de prolongamento da ação; (viii) contribuir para o estudo da categoria de aspecto no Português Brasileiro.

<sup>2</sup> A expressão “Inceptivo/Início” parece-nos redundante, uma vez que o aspecto inceptivo já marca a situação em seu ponto de início. No entanto, optamos por mantê-la, já que Travaglia (2010) usa essas duas palavras (a) Inceptivo, b) Início) para apresentar o(s) valor(es) dos verbos COMEÇAR/PASSAR.

Para a consecução de nossos objetivos, realizamos uma pesquisa na interface gramaticalização/variação linguística. A variação linguística aparece em nosso quadro teórico, pois iremos discutir, no capítulo de análise, a questão da concorrência entre DANAR e *começar/passar*, conforme propõe Travaglia (2010).

Para a pesquisa diacrônica, lançamos mão do banco de dados *Corpus do Português*, o qual dispõe de dados do século XIII ao século XX. No Português Brasileiro, encontramos ocorrências do verbo aqui em estudo apenas a partir do século XIX. Nesse século, todas as ocorrências são ainda lexicais. Por encontrarmos ocorrências de DANAR gramatical apenas no século XX e em quantidade reduzida, hipotetizamos que o processo de gramaticalização de DANAR começa no século XX e caminha em direção ao século XXI. Verificamos também que o uso de DANAR na construção aqui em estudo é bem típico da oralidade em contextos informais; por isso decidimos lançar mão da rede social *Twitter* (a qual tem registro escrito, mas apresenta traços da oralidade informal) em busca de um número maior ocorrências da construção, para que, assim, pudéssemos fazer uma melhor descrição do fenômeno de gramaticalização de DANAR.

Avançando em relação aos trabalhos anteriores que registram o verbo DANAR para marcação de aspecto, este trabalho apresentará (i) o percurso diacrônico do item; (ii) a frequência ao longo dos três séculos estudados; (iii) a atuação do fenômeno da lexicalização paralelamente ao fenômeno da gramaticalização, resultado do processo de abstração que faz o verbo perder alguns semas e incorporar outros; (iv) a redução dos contextos sintagmáticos em que a construção figura; (v) a atualização dos princípios de Hopper (1991) nos dados; (vi) a contribuição de cada elemento constituinte da construção para a marcação do aspecto inceptivo com prolongamento da ação; (vii) os vários sentidos de DANAR encontrados nos dados, o que comprova a polissemia do item; (viii) o processo metafórico de abstração semântica, relacionado aos esquemas imagéticos força e movimento, que permitiu que DANAR, não prototipicamente inceptivo e durativo, passasse a marcar cumulativamente esses aspectos; (ix) a não vigência do fenômeno da *relevância do presente* (atuante nos processos de inovação linguística) no fenômeno aqui em estudo.

Os resultados da pesquisa empreendida serão apresentados estruturalmente da seguinte maneira: no primeiro capítulo, apresentamos algumas considerações sobre o fenômeno da gramaticalização para a marcação da categoria verbal aspecto bem como o referencial teórico sobre essa categoria e sobre a gramaticalização. Tratamos também das características e dos princípios dos processos de gramaticalização que constituem evidências de que DANAR passa por esse processo de mudança de item lexical a gramatical. Além disso,

apresentamos os mecanismos cognitivos que permitem a DANAR assumir essa função gramatical tão diferente de sua função primeira, etimológica. O final desse capítulo traz também considerações sobre a teoria da variação e mudança linguística, o que embasa nossa defesa, no capítulo de análise dos dados, de que, ao contrário do que Travaglia (2010) afirma, DANAR não constitui concorrente, no sentido laboviano do termo, de *começar/passar*. Ainda no primeiro capítulo, deixamos claro com que acepção estamos utilizando o termo *mudança*, não como o resultado de um processo de variação e concorrência entre DANAR lexical e DANAR gramatical, mas como a passagem de uma categoria não gramatical para uma categoria gramatical. A descrição da metodologia adotada para este trabalho é apresentada no segundo capítulo, no qual caracterizamos os *corpora* utilizados nesta pesquisa e justificamos suas escolhas. Além disso, são apresentados os critérios seguidos para verificação da gramaticalização de DANAR. No capítulo terceiro, passamos à apresentação e discussão dos resultados obtidos com a análise dos dados dos três séculos estudados. Nas considerações finais, encerramos nosso trabalho, retomando os resultados que nos indicam que DANAR está, tal como intuído, passando por um processo de gramaticalização.

## CAPÍTULO 1

### A GRAMATICALIZAÇÃO PARA MARCAÇÃO DE ASPECTO

Uma vez que estamos lidando com um processo de gramaticalização para a marcação da categoria gramatical aspecto, vamos dar início a este capítulo tratando dessa categoria pouco discutida nos estudos linguísticos (em comparação com a gama de trabalhos que discutem as outras categorias verbais, como tempo e modo, por exemplo). Chegaremos à discussão da gramaticalização para mostrar que, uma vez que o Português Brasileiro não dispõe de uma morfologia própria para a atualização dessa categoria, esse fenômeno atua na combinação de elementos que dão origem a construções que codificam o aspecto. Conforme Castilho (2010, p. 417), “para codificar os significados aspectuais, o usuário combina diversos ingredientes linguísticos”. E é essa combinação dos ingredientes verbo DANAR, pronome, preposição e verbo no infinitivo, como em (7), que estamos aqui discutindo.

(7) “Tem gente que **dana-se a falar** e não fica block, eu tenho essa sorte”.  
(*TWITTER*, grifo nosso)<sup>3</sup>

Antes de passarmos à discussão do aspecto verbal, vamos explicar por que estamos chamando essa combinação de elementos linguísticos de construção e não de perífrase verbal, como é costume na literatura (cf. Castilho (1968) e Travaglia (1985)). Esses autores nos dizem que um dos recursos de marcação aspectual são as perífrases verbais. Contudo, conforme verificamos em vários trabalhos sobre gramaticalização apresentados por Gonçalves *et al.* (2007), a gramaticalização pode atingir uma estrutura maior que um item e menor que uma oração. Acreditamos que o processo de mudança que atingiu o item DANAR para a marcação de aspecto não o influenciou apenas, mas também aos outros elementos presentes em sua relação sintagmática, conforme apresentaremos no capítulo de análise dos dados. Diante disso, concebemos a gramaticalização de forma mais abrangente, conforme Bybee (2003, p. 602):

Na literatura recente sobre gramaticalização, parece consenso que não é suficiente definir gramaticalização como o processo pelo qual um item lexical torna-se

---

<sup>3</sup> Os exemplos são apresentados da mesma maneira como foram digitados no *Twitter* pelo usuário.

morfema gramatical, mas, ao contrário, é importante dizer que esse processo ocorre em contexto de uma construção particular (...). De fato, parece mais adequado dizer que é uma construção com seus itens lexicais particulares que se torna gramaticalizada do que dizer que é o item lexical que se gramaticaliza (BYBEE, p. 602, tradução nossa<sup>4</sup>)

Explicada a escolha da nomenclatura do nosso objeto de estudo, passamos agora à discussão da categoria verbal aspecto.

## 1.1 O ASPECTO VERBAL

Iniciamos esta seção com o objetivo de conceituar dois termos pouco explorados nos estudos tradicionais e que são essenciais para este trabalho: categoria gramatical e aspecto. Em relação ao primeiro, os autores, de modo geral, põem-se logo a dizer quais são as categorias gramaticais da língua, mas não cuidam de conceituar o termo *categoria*. Com o segundo acontece coisa ainda pior: ausência ou pouco tratamento do tema.

Para a consecução do objetivo proposto para esta seção, vamos comparar Lyons (1979), Costa (1997), Comrie (1976), Castilho (1968) e Travaglia (1985).

Iniciaremos pelo conceito de categoria gramatical, uma vez que há entre ela e o aspecto uma relação de contém está contido, como tentaremos demonstrar adiante.

Entre os autores citados, Lyons (1979) ocupa-se do termo *categoria gramatical*. Ele reconhece que o uso desse termo “é pouco consistente ou pouco uniforme (...) nos modernos tratamentos da teoria gramatical” (Lyons, 1979, p.285). Segundo esclarece, o termo *categoria* origina-se no sistema filosófico aristotélico e deriva-se de uma palavra grega que pode ser traduzida como predicação, que tem o sentido lógico ou filosófico de atribuir propriedades às coisas. É importante saber que esse termo origina-se do sistema filosófico aristotélico, pois Lyons (*op. cit.*) conceitua categorias gramaticais dizendo que elas são as categorias acidentais da teoria aristotélica das categorias. Precisamos, então, entender o que são as categorias acidentais para entender o que são categorias gramaticais. As categorias acidentais eram típicas e definitivas de cada parte do discurso: os verbos flexionavam-se em

---

<sup>4</sup> “The recent literature on grammaticization seems to agree that it is not enough to define grammaticization as the process by which a lexical item becomes a grammatical morpheme, but rather it is important to say that this process occurs in the context of a particular construction (...). In fact, it may be more accurate to say that a construction with particular lexical items in it becomes grammaticized, instead of saying that a lexical item becomes grammaticized.” (BYBEE, 2003, p. 602)

tempo, pessoa, número; e os nomes, em caso, número e gênero. Vê-se, então, que as categorias acidentais atribuíam propriedades, ao contrário da categoria da substância, composta de coisas individuais, abstraídas das suas propriedades acidentais. A partir do exposto, conjecturamos, então, que categorias gramaticais são entidades que atribuem propriedades às partes do discurso. Por exemplo: O tempo, que é considerado uma categoria gramatical, atribui propriedade, pois quando se atualiza num verbo atribui-lhe uma propriedade, uma diferença na sua essência. Vejamos alguns exemplos, a fim de tornar mais didática a explicação: (i) *cantar* + tempo (considerado categoria) passado = *cantou* (Há, então, mudança na essência do infinitivo, que recebe uma propriedade do tempo); (ii) *falar* + tempo presente + modo indicativo + 3ª pessoa de número plural = *falam*. (Há, então, mudança na essência do infinitivo, que recebe propriedades de várias categorias gramaticais: tempo, modo, pessoa, número).

De Castilho (1968, p.13-14), também podemos retirar um conceito de categoria gramatical que aparece de forma implícita (É o que o autor chama de categoria verbal, logo após distinguir que há no discurso duas espécies de palavras: o nome e o verbo). Segundo esse autor, a função das categorias verbais, dentre as quais incluiu o aspecto, é

atualizar o processo virtualmente considerado, definindo-lhe a duração (aspecto), localizando-o numa data ou perspectiva (tempo), esclarecendo a interferência do sujeito falante (modo) ou o papel a ele atribuído (voz), bem como sua relação com o ouvinte e o assunto (pessoas assim distribuídas: primeira pessoa, sujeito falante; segunda pessoa, ouvinte; terceira pessoa, o assunto) e quantidade dessas entidades (número). (CASTILHO, 1968, p.14)

O trecho de Castilho (*op. cit.*) ora citado explicita a relação contém está contido entre categoria e aspecto. O aspecto é, pois, uma categoria que está contida entre as categorias gramaticais. Em Comrie (1976, p.1), também verificamos tal relação, quando ele diz que o aspecto é uma categoria que tende a ser menos conhecida pelos estudantes de linguísticas que outras categorias como tempo e modo e que, apesar de menos conhecida, está incluída entre as conhecidas categorias tempo e modo.

Por ser o tempo uma categoria bem mais conhecida que o aspecto e por aquele estar intimamente relacionado a este, é preferência dos autores partir das noções de tempo e de dêixis para conceituar aspecto (com exceção de Castilho, que primeiro fala da categoria de aspecto e depois da categoria tempo). De acordo com Costa (2002), dêixis “é a faculdade que têm as línguas de designar os referentes através da sua localização no tempo e no espaço, tomando como ponto de referência o falante” (p. 15). Já a categoria de tempo, segundo

Travaglia (1985), “situa o momento de ocorrência da situação a que nos referimos em relação ao momento da fala como **anterior** (passado), **simultâneo** (presente) ou **posterior** (futuro) a esse mesmo momento” (p. 5, grifos do autor). Os autores concordam que tempo e aspecto são ambas categorias temporais, mas diferem-se, pois o tempo é dêitico, situa o momento da ação em relação ao momento da fala; e o aspecto é não-dêitico, refere-se à situação em si, ao tempo interno da ação. Vamos explicitar isso com base em um exemplo retirado do nosso *corpus* do *Twitter*.

(8) “ele foi de metrô, desceu na 8 sul vei ele caiu na escada descendo pelo corrimão kkkkkkkkk mas não machucou, caiu e **danou a rir**”. (*TWITTER*, grifo nosso)

Quando o falante disse *foi, desceu e caiu*, ele assinala que as ações de *ir* de metrô, de *descer* na estação 8 sul e de *cair* na escada ocorreram antes do momento em que ele está situado temporalmente. Há, portanto, marcas da categoria de tempo, pois os fatos recebem um tratamento baseado na dêixis. Quando diz *danou a rir*, ele expressa não só a referência ao tempo em que a ação de *começar a rir e continuar rindo por um período de tempo* ocorre em relação à fala, mas também expressa o tempo interno dessa ação, havendo aí, portanto, marcas da categoria de aspecto.

Um conceito de aspecto com base na relação tempo e dêixis é apresentado por Comrie (1976) e adotado por Travaglia (1985): “aspecto são as diferentes maneiras de ver a constituição temporal interna da situação” (COMRIE, 1976, p. 3, tradução nossa<sup>5</sup>). Esse autor também distingue tempo e aspecto, dizendo que o tempo é um tempo externo à situação e que o aspecto é um tempo interno à situação.

Castilho (1968), bem como Costa (2002), tratam do aspecto como a representação espacial do processo/fato. Para Castilho (*op. cit.*), “o aspecto é a visão objetiva da relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a idéia de duração ou desenvolvimento. É, pois, a representação espacial do processo” (p.14). Travaglia (1985) comenta que essa representação ou atualização espacial do processo deve-se ao fato de o aspecto localizar a situação dentro do espaço temporal de sua ocorrência.

Na citação acima, Castilho (*op. cit.*) toca em um ponto que ajuda a conceituar aspecto de forma mais completa: a questão da duração, das fases, do desenvolvimento da ação. Conforme todos os autores citados no início desta seção, o aspecto também indica algo

---

<sup>5</sup> “aspects are diferente ways of viewing the internal temporal constituency of a situation”. (COMRIE, 1976, p. 3)

sobre o estado de desenvolvimento da situação. Lyons fala em perfectivo (ação completa), em imperfectivo (ação não completada) e em durativo e não-durativo. Esse autor reconhece e cita outras noções aspectuais, além das quatro citadas, mas não as discute em seu texto. Os demais autores aqui compulsados avançam em relação a Lyons (*op. cit.*) e apresentam outras noções aspectuais como iteração, iminência, habitualidade, etc, mas é Travaglia (1985) que, a nosso ver, dá um passo importante na descrição das fases da situação. Para ele, nem todas as fases de uma situação poderiam ser ordenadas num mesmo conjunto de fases, ou seja, acabado/ não acabado (perfectivo/imperfectivo, para Lyons (*op. cit.*)), por exemplo. Travaglia (*op. cit.*) percebeu que as fases da situação podiam ser tomadas de diferentes pontos de vista, organizou diferentes subconjuntos de fases conforme o ponto de vista considerado e revelou haver três pontos de vista diferentes: o do desenvolvimento da ação (início, meio e fim), o do completamento da ação (situação completa e situação incompleta) e o da realização da ação (por começar, começada ou não acabada e acabada). Com esse avanço, Travaglia (*op. cit.*) apresenta um conceito de aspecto que resume tudo o que os autores aqui selecionados para a conceituação da categoria vinham falando:

Aspecto é uma categoria verbal de TEMPO<sup>6</sup>, não dêitica, através da qual se marca a duração da situação e/ou suas fases, sendo que estas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista, a saber: o do desenvolvimento, o do completamento e o da realização da situação. (TRAVAGLIA, 1985, p.53).

Costa (2002) apresenta um diferencial em relação aos outros autores: a teoria dos traços das entidades de segunda ordem para a atualização do aspecto. A autora apresenta as entidades de primeira, de segunda e de terceira ordens, estabelecendo as noções de espaço, de tempo e de verdade, respectivamente, como suportes da fala. Prioriza a análise das entidades de segunda ordem (as localizadas no tempo), pois, para tratar da categoria linguística de aspecto, o tratamento do tempo na língua é fundamental, como já vimos. Costa (*op. cit.*) diferencia os tipos de entidades de segunda ordem (processos, atividades e estados) pela maneira como cada um deles combina certas características semânticas, certos traços (durativo, dinâmico, permanente, agente) e conclui que a atualização da categoria de aspecto se dá apenas com os verbos que possuem o traço [+durativo].

---

<sup>6</sup> Travaglia (1985) registra a palavra tempo de três maneiras: **tempo**, **tempos flexionais** e TEMPO. Essa diferença de registro é justificada pelo fato de termos três sentidos básicos para essa palavra. O autor refere-se à categoria verbal (correspondente às épocas passado, presente e futuro) quando fala em **tempo**; refere-se à flexão temporal (pres. do ind., pret. imp. do ind., etc.) quando fala em **tempos flexionais**; e refere-se à ideia geral e abstrata de tempo quando fala em TEMPO.

Outro diferencial entre os trabalhos aqui resenhados é a perspectiva histórica dos estudos aspectuais feita apenas por Castilho (1968). Esse autor destaca também que o aspecto é uma categoria léxico-sintática. Para ele, na caracterização do aspecto, interagem o sentido que a raiz do verbo contém e elementos sintáticos como adjuntos adverbiais, complementos e tipo oracional. Para elucidar, vejamos alguns exemplos criados por nós:

(9) Lúcia **trabalha** todos os dias.

(10) (?) Lúcia **mora** em São Paulo todos os dias.

Esses exemplos mostram que o sentido da raiz do verbo *morar* já traz a ideia do aspecto durativo, iterativo; quem mora o faz por um tempo relativamente prolongado; a ação se repete sem interrupção, sendo, portanto, desnecessário o adjunto adverbial de tempo. A presença dele torna a oração, no mínimo, de gramaticalidade duvidosa, se não agramatical. Já a raiz do verbo *trabalhar* permite-se relacionar com o adjunto adverbial, que se junta ao verbo para reforçar a noção aspectual.

Quando Costa (2002) diz que a atualização da categoria de aspecto se dá apenas com os verbos que possuem o traço [+durativo] e quando Castilho (1968) diz que, na caracterização do aspecto, interage o sentido da raiz do verbo, estão tratando da forma verbal simples, lexical, como nos exemplos (9) e (10). Os nossos dados nos mostraram, contudo, que, quando verbos são combinados para expressão do aspecto – na construção gramatical, nosso objeto de estudo aqui –, a semântica desses verbos pode não influenciar. Mesmo que o sentido da raiz dos verbos que compõem a construção não traga determinada noção léxico-aspectual, ou o verbo não possua o traço [+durativo], conforme considerou Costa (*op. cit.*), na combinação pode haver a expressão do aspecto. Vejamos como isso acontece em um exemplo retirado de nosso *corpus* do *Twitter*:

(11) “agora **danei a espirrar!**” (*TWITTER*, grifo nosso)

Embora o verbo *espirrar* sozinho, em uma oração como *Maria espirrou*, não possua o traço [+durativo] e a raiz desse verbo traga um sentido pontual, quando combinado com o V1<sub>DANAR</sub> formam uma construção e passam, então, a traduzir aspecto, atualizando as noções aspectuais de inceptividade e de duração. Essa duração não se deve ao sema do verbo *espirrar* ou ao adjunto adverbial de tempo *agora*, mas à função que DANAR passa a exercer

nas construções  $V1_{\text{DANAR}} + (\text{pron}) + (\text{prep}) + V2_{\text{infinitivo}}$ , marcador de aspecto inceptivo com prolongamento da ação<sup>7</sup>.

Se tivéssemos o verbo *espirrar* fora da construção gramatical aqui em estudo e a oração fosse apenas “Agora *espirrei*”, teríamos outro ponto de vista da situação. Essa questão do ponto de vista está relacionada às noções de perfectividade e imperfectividade, sobre as quais discorreremos agora.

### 1.1.1 As noções de perfectividade e de imperfectividade

Buscaremos então, nesta seção, estabelecer a diferença entre perfectividade e imperfectividade apoiadas nos estudos dessas noções empreendidos por Comrie (1976), por Travaglia (1985) e por Costa (1997).

Comrie (*op. cit.*) inicia o capítulo *Perfective and imperfective* definindo essas duas noções aspectuais. Segundo o autor, a perfectividade “indica o ponto de vista de uma situação como um todo, sem distinção das várias fases que constituem tal situação, enquanto o imperfectivo presta atenção especial à estrutura interna da situação”<sup>8</sup> (COMRIE, 1976, p. 16, tradução nossa). Embora Comrie (*op. cit.*) apresente a distinção entre as duas noções aspectuais com exemplos tirados de várias línguas, preferimos aqui utilizar o exemplo do nosso *corpus* do *Twitter*, sobre o qual já estávamos comentando. Em *Agora espirrei*, o falante expressa o ponto de vista da situação como um todo, sem distinção das fases que constituem tal situação, já que os traços semânticos do verbo *espirrar* não expressam fases para essa ação. Não se espirra em fases, mas de forma pontual. Teríamos, então, uma situação perfectiva. Já no exemplo extraído de nosso *corpus* – agora **danei a espirrar!** (TWITTER) – é possível verificar que o processo de *espirrar* não foi expresso como um todo, já que ele se dá de forma iterativa e em fases. Há uma constituição temporal interna da situação sendo marcada, e essa constituição temporal se deu num espaço de tempo. O falante marca a estrutura interna da situação de *espirrar*. Temos, então, conforme Comrie (1976), uma situação imperfectiva.

<sup>7</sup> Isso será melhor desenvolvido no capítulo de análise dos dados. Na seção que trata das questões semânticas de DANAR, buscaremos explicar o que permite a esse verbo expressar duas noções aspectuais.

<sup>8</sup> “Perfectivity indicates the view of a situation as a single whole, without distinction of the various separate phases that make up that situation ; while the imperfective pays essential attention to the internal structure of the situation.” (COMRIE, 1976, p. 16).

A ação de espirrar em *danei a espirrar* tem uma duração que pode se dar em várias fases por iteração. Pretendemos mostrar mais adiante, no capítulo destinado à análise dos dados, que o prolongamento da ação traduzido pelo verbo DANAR pode-se dar por duração ou por iteração, contribuindo, assim, para a descrição dessa categoria gramatical no português.

No texto de Costa (1997), percebe-se um diálogo constante com Comrie (1976), já que ela admite que a oposição aspectual básica baseia-se na confirmação de que um fato enunciado, referindo-se às entidades de segunda ordem, pode ou não ter sua constituição interna considerada pelo falante. Se o falante considera essa constituição interna, temos o imperfectivo; se não, o perfectivo. Desse modo, o perfectivo expressa o fato enunciado como um todo, de maneira global, enquanto o imperfectivo expressa a temporalidade interna do fato enunciado.

Comrie (1976) e Costa (1997) alertam para o fato de que é comum encontramos caracterizações inadequadas para as noções aspectuais de perfectivo e de imperfectivo, a saber: (i) o perfectivo indica situações de curta duração, enquanto o imperfectivo evidencia situações de longa duração; (ii) o perfectivo descreve uma situação como sendo limitada, em oposição ao imperfectivo, que descreve uma situação como sendo ilimitada; e (iii) o perfectivo indica um curto período de tempo, enquanto o imperfectivo assinala um período de tempo mais longo. A seguir, apresentaremos exemplos dos nossos dados que endossam o posicionamento dos autores:

(12) “hj **danou a chover** quando a gente tava vindo embora” (TWITTER, grifo nosso)

(Imperfectivo - Atenção para a temporalidade interna do fato enunciado)

(13) Hoje **choveu** quando a gente estava vindo embora.<sup>9</sup>

(Perfectivo - Fato enunciado como um todo)

Vemos aqui que (12) e (13) fazem referência ao mesmo período de tempo; portanto, tanto formas imperfectivas quanto formas perfectivas podem ser usadas em referência ao mesmo período de tempo (*quando a gente tava vindo embora*) sem, necessariamente, qualquer implicação de a duração ser curta ou longa, limitada ou ilimitada,

---

<sup>9</sup> Exemplo criado para ser contraposto a nosso dado.

com período de tempo curto ou longo. Além disso, os exemplos (12) e (13) nos alertam para o fato exposto por Comrie (1976) e por Costa (1997) de que a perfectividade, embora expresse o fato enunciado como um todo, não é incompatível com a expressão de duração de uma situação; em outras palavras, o perfectivo tem sim o traço [+durativo]. O verbo *chover* traz em seu sema a noção de duração. Uma chuva pode durar muito ou pouco, mas sempre dura algum tempo. Apesar de o falante não ter marcado a constituição interna do fato, não significa que seu traço seja [-durativo].

Comrie (1976 *apud* COSTA, 1997, p.31) alerta que o perfectivo está relacionado à “falta de referência explícita à constituição temporal interna de uma situação, mais do que explicitamente implica a falta de tal constituição interna”<sup>10</sup>. No português, portanto, a distinção entre perfectivo (termo não-marcado na língua) e imperfectivo (termo marcado) caracteriza-se por opor não-referência à constituição temporal interna a essa referência.

Travaglia (1985) também estabelece a diferença entre perfectividade e imperfectividade, o que nos interessa neste momento. O autor apresenta as noções aspectuais de duração e de pontualidade, além das fases do desenvolvimento da ação, resumidas no quadro seguinte:

QUADRO 1

Quadro das noções aspectuais proposto por Travaglia

NOÇÕES ASPECTUAIS			
I. DURAÇÃO	1. Duração	A. Contínua	a. Limitada
			b. Ilimitada
	2. Não-Duração ou Pontualidade	B. Descontínua	a. Limitada
			b. Ilimitada
II. FASES	1. Fases de Realização	A. Por Começar	
		A'. Prestes a Começar (ao lado do aspecto há uma noção temporal)	
		B. Não-Acabado ou Começado	
		C'. Acabado há pouco (ao lado do aspecto há uma noção temporal)	
	2. Fases de Desenvolvimento	C. Acabado	
		A. Início (no ponto de início ou nos primeiros momentos)	
		B. Meio	
		C. Fim (no ponto de término ou nos últimos momentos)	
3. Completamento	A. Completo		
	B. Incompleto		
Ausência de noções aspectuais			

Fonte: Travaglia (1985, p. 67)

<sup>10</sup> Tradução de Costa (1997).

Entre as fases apresentadas no quadro acima, para Travaglia (1985), o perfectivo e o imperfectivo estão relacionados à fase de completamento, como se acrescentou no seguinte quadro:

QUADRO 2

Quadro das noções aspectuais e dos aspectos proposto por Travaglia

NOÇÕES ASPECTUAIS		ASPECTOS		
I. DURAÇÃO	1. Duração	A. Contínua	a. Limitada b. Ilimitada	DURATIVO INDETERMINADO
		B. Descontínua	a. Limitada b. Ilimitada	ITERATIVO HABITUAL
	2. Não-Duração ou Pontualidade			PONTUAL
	II. FASES	1. Fases de Realização	A. Por Começar	
A'. Prestes a Começar (ao lado do aspecto há uma noção temporal)				
B. Não-Acabado ou Começado				NÃO-ACABADO OU COMEÇADO
2. Fases de Desenvolvimento		C'. Acabado há pouco (ao lado do aspecto há uma noção temporal)		ACABADO
		C. Acabado		
		A. Início (no ponto de início ou nos primeiros momentos)		INCEPTIVO
3. Completamento	B. Meio		CURSIVO	
	C. Fim (no ponto de término ou nos últimos momentos)		TERMINATIVO	
Ausência de noções aspectuais				Aspecto não atualizado

Fonte: Travaglia (1985, p. 97, grifo nosso)

Para Travaglia, “o perfectivo é caracterizado por apresentar a situação como *completa*” (1985, p. 96, grifo do autor), enquanto “o imperfectivo é caracterizado por apresentar a situação como *incompleta*” (1985, p. 98, grifo do autor).

Para finalizar a distinção entre perfectividade e imperfectividade, apresentamos a proposta de conceituação de Costa (1997):

Aspecto: Categoria linguística que marca a referência ou não à estrutura temporal interna de um fato. Apresenta duas possibilidades:

Perfectivo: Fato referido como global. Não-marcado para as nuances da constituição temporal interna.

Imperfectivo: Fato referido com marca de sua constituição temporal interna. Semanticamente restringido a lexemas que incluem o traço [+durativo]. (p.38).

É ainda importante para este trabalho a consideração sobre os verbos télicos e atélicos, os quais influenciam na marcação aspectual das situações e serão discutidos na subseção que se segue.

### 1.1.2 Verbos télicos e atélicos

Conceituaremos verbos télicos e atélicos também com base em Comrie (1976) e em Travaglia (1985). Para introduzir as noções de télico e de atélico, Comrie (1976) apresenta duas frases (sendo que a segunda também foi apresentada na conceituação de télico e atélico por Travaglia (1985)): *João está cantando* e *João está fazendo uma cadeira*<sup>11</sup> (COMRIE, 1976, p. 44, tradução nossa). Comrie (*op. cit*) mostra que, entre as duas situações, há uma importante diferença no que diz respeito à estrutura interna de ambas. Em *João está fazendo uma cadeira*, a situação descrita por *fazer uma cadeira* deve necessariamente chegar a um fim; se João parar de fazer a cadeira, por exemplo, ela não ficará pronta e não poderemos dizer que *João fez uma cadeira*. Esse mesmo raciocínio não é verdadeiro para a situação descrita por *João está cantando*. Se João parar de cantar a qualquer momento, ainda será verdade que ele cantou, mesmo que não tenha completado a música. Comrie (1976) chama situações como a descrita por *fazer uma cadeira* de télica, e como a descrita por *cantar* de atélica.

Evidentemente baseado nessa explanação de Comrie, Travaglia (1985) define que verbo télico “é aquele que indica uma situação que necessariamente chega a um fim, ou seja, uma situação que marcha para um clímax ou ponto terminal natural” (p.72) e que verbo atélico “é aquele que indica uma situação que não tende a um fim necessário.” (p.72).

Comrie (1976) apresenta ainda um teste para verificar a natureza télica de uma situação na língua inglesa, o qual pode ser aplicado às demais línguas, dentre elas o português. Segundo o autor, se uma sentença com significado imperfectivo (como o *Progressive* do inglês) implica uma frase que se refere à mesma situação na forma perfectiva, a situação é atélica. Por exemplo, *João está cantando* implica que João cantou, mas *João está fazendo uma cadeira* não implica que João fez uma cadeira. Na mesma perspectiva de Comrie (*op. cit*), Travaglia (*op. cit*) apresenta um teste muito semelhante para verificar se um verbo é télico ou atélico na língua portuguesa. Para Travaglia (1985, p. 72),

se a frase com a perífrase “ESTÁ+GERÚNDIO do verbo em questão” **não** implica a frase com o verbo no pret. perf. do ind., o verbo é **télico**; mas, se implica, então o verbo é **atélico**. (TRAVAGLIA,1985, p. 72, grifos do autor)

<sup>11</sup> “John is singing and John is making a chair.” (COMRIE, 1976, p. 44).

Travaglia (1985, p. 72) diz que o teste serve para “verificar se um verbo é télico ou atélico”. Nesse sentido, Comrie (1976) alerta para o fato de que não é tão simples afirmar que um verbo é télico ou atélico, pois um verbo que numa situação aparece como télico pode aparecer como atélico em outra. Comrie (1976) exemplifica dizendo que a frase *João está cantando* descreve uma situação atélica, já *João está cantando uma canção* descreve uma situação télica, uma vez que essa situação tem um ponto final bem definido, ou seja, quando a música acabar. Esse fato pôde ser percebido em nossos dados. Em

(14) “e o Vin? Danou a **comentar** numa outra foto minha. Tudo bem que ele me segue, mas a foto já tinha uns dias.” (TWITTER, grifo nosso)

percebemos uma situação atélica, já que se o Vin está comentando numa outra foto significa que ele já comentou alguma. Esse exemplo nos mostra também que a telicidade ou a atelicidade de uma situação não está apenas no verbo, mas na situação inteira, conforme defende Comrie (*op.cit.*). Se construíssemos outra oração com o verbo *comentar*, como ilustrado em (15), poderíamos ter uma situação télica.

(15) Vin está **comentando** a foto que eu postei no facebook.

Travaglia (1985) também advertiu que “não podemos afirmar que um verbo seja apenas télico ou atélico, pois ele pode mudar de classe” (p.73). É o que aconteceu no exemplo anterior.

É bom ressaltar que Travaglia (1985) também observa que é praticamente de regra que os verbos atélicos indicam situações durativas. E, uma vez que o verbo DANAR se gramaticaliza e atualiza, além do aspecto inceptivo, o prolongamento da ação no tempo (a duração), veremos no capítulo de análise dos dados como os verbos atélicos influenciam na construção aqui em estudo.

O que estamos aqui tratando como construção é chamado de perífrase verbal por Travaglia (1985) e constitui um dos recursos de marcação aspectual no Português Brasileiro, fato que será discutido na seção seguinte.

## 1.1.3 A perífrase verbal como recurso de marcação de aspecto

Conforme Comrie (1976), o aspecto, sendo uma das categorias gramaticais, “pode ser expresso por uma morfologia não flexional [...] ou por perífrases” (p. 9, tradução nossa<sup>12</sup>). Cotejando Costa (1997), Comrie (1976), Castilho (1968) e Travaglia (1985), propomos um quadro com os principais recursos de marcação aspectual do Português Brasileiro:

QUADRO 3  
Principais recursos de marcação aspectual no Português Brasileiro.

(Continua)

<b><u>RECURSO</u></b>	<b><u>EXEMPLO</u></b>	<b><u>ASPECTO ATUALIZADO</u></b>	<b><u>NÍVEL</u></b>
<b><i>SEMANTEMA</i></b>	<u>Começaram</u> as festas de fim de ano.	Inceptivo	Lexical
<b><i>NOMES</i></b>	O estrondo da <u>explosão</u> me assustou.	Pontual	Lexical
<b><i>ADJUNTOS ADVERBIAIS</i></b>	O valor das parcelas do carro caiu <u>lentamente</u> .	Imperfectivo, durativo	Morfossintático
<b><i>LOCUÇÃO ADVERBIAL</i></b>	Luíza <u>não</u> costura <u>mais</u> para a Isabel.	Perfectivo	Morfossintático
<b><i>TIPO ORACIONAL</i></b>	<u>Sempre que o filho chegava tarde</u> , o pai reclamava.	Imperfectivo, iterativo, cursivo	Morfossintático
<b><i>REPETIÇÃO VERBAL</i></b>	Ontem eu <u>liguei</u> , <u>liguei</u> , <u>liguei</u> , mas ninguém atendeu.	Perfectivo, iterativo, durativo	Morfossintático
<b><i>PERÍFRASE</i></b>	Você <u>vive escutando</u> atrás da porta.	Imperfectivo, iterativo	Morfossintático
<b><i>PREPOSIÇÕES</i></b>	- A diretora ficou <u>a</u> pensar no caso do aluno. - A diretora ficou <u>de</u> pensar no caso do aluno.	- Imperfectivo, cursivo, durativo - Perfectivo, não-começado	Morfossintático
<b><i>O COMPLEMENTO DO VERBO</i></b>	- A menina <u>pulou</u> corda. - A menina <u>pulou a</u> poça de água.	- Perfectivo, iterativo - Perfectivo, pontual	Morfossintático

<sup>12</sup> “may be expressed by means of the inflectional morphology [...] it may also be expressed by means of a periphrasis” (COMRIE, 1976, p. 9).

QUADRO 3  
Principais recursos de marcação aspectual no Português Brasileiro.

(Conclusão)

<b><u>RECURSO</u></b>	<b><u>EXEMPLO</u></b>	<b><u>ASPECTO ATUALIZADO</u></b>	<b><u>NÍVEL</u></b>
<b><i>AFIXOS</i></b> <sup>13</sup>	-ecer: O meu vizinho <u>adoeceu</u> .	Perfectivo, inceptivo, incoativo	Morfossintático
<b><i>ÊNFASE ENTONACIONAL</i></b>	Agora, que vai prestar vestibular, ela entra para o quarto e <u>estuuuuuuuuuda</u> .	Imperfectivo, durativo, cursivo	Fonológico
<b><i>PRESSUPOSIÇÃO</i></b>	Os ônibus <u>continuam</u> saindo da estação central.	Imperfectivo, cursivo, durativo	Semântico
<b><i>CONTEXTO</i></b>	- Os alunos do 3ºI me <u>assustaram</u> . (E ainda continuo assustada com a atitude deles).  - Os alunos do 3ºI me <u>assustaram</u> . (Uma vez, pontualmente, quando entrei na sala).	- Imperfectivo, cursivo, durativo  - Perfectivo, pontual.	Semântico

Fonte: Dados coletados

Interessa-nos aqui o que os autores chamam de perífrase verbal e estamos chamando de construção. O que Travaglia (1985, p. 203) chama de perífrase é “qualquer aglomerado verbal, em que tenhamos um verbo (denominado auxiliar) ao lado de outro verbo em uma das formas nominais (denominado principal), e com uma função determinada de marcar uma categoria gramatical ou uma noção semântica qualquer”. O que Travaglia (*op. cit.*) chama de auxiliar é o que estamos chamando de V1 e o que ele chama de principal é o que estamos chamando de V2<sub>inf</sub>. Esses dois verbos, quando se combinam na construção, passam a atualizar um tipo de aspecto que não atualizavam separadamente. Essa combinação que dá origem à construção aqui em estudo para a marcação do aspecto inceptivo com prolongamento da ação se dá por um processo de gramaticalização, sobre o qual passamos a discorrer na seção subsequente.

<sup>13</sup> Nem todos os autores concordam que o prefixo marca aspecto.

## 1.2 A GRAMATICALIZAÇÃO

As categorias linguísticas não são entidades estanques. Ao longo da história, categorias lexicais podem passar a funcionar como categorias gramaticais. A esse fenômeno, dá-se o nome de gramaticalização. Inúmeros trabalhos têm discutido a gramaticalização de verbos que passam, em algum momento da história da língua, a desempenhar não apenas funções de natureza lexical, mas também funções gramaticais.

Atualmente, conforme Hopper e Traugott (1993 *apud* COELHO, 2006, p. 33),

a gramaticalização tem sido estudada sob duas perspectivas. Uma delas é histórica<sup>14</sup>, investigando as fontes das formas gramaticais e o percurso típico de mudança que as afeta. Dessa perspectiva, a gramaticalização é normalmente concebida como um subconjunto de mudanças linguísticas por meio do qual um item lexical, em certos usos, torna-se um item gramatical, ou por meio do qual um item gramatical se torna mais gramatical. A outra perspectiva é mais sincrônica, considerando a gramaticalização como um fenômeno primariamente sintático, discursivo e pragmático, a ser estudado a partir do ponto de vista dos fluidos padrões do uso linguístico.

A gramaticalização é entendida, conforme Heine (2003), como um “processo unidirecional<sup>15</sup> no qual itens lexicais passam a assumir funções gramaticais” (p.275, tradução nossa). Os itens lexicais são entidades que fazem referência a dados do mundo real; nomeiam entidades, qualidades e ações, como a ação de *prejudicar*, expressa pelo verbo DANAR no seguinte trecho, extraído do nosso *corpus*:

(16) “Horível profanação! Escândalo inaudito, e que podia **danar** um cartório sempre conceituado entre os mais graves!” (*CORPUS DO PORTUGUÊS*)

Já os itens gramaticais não têm um referente no mundo real; eles têm a função de organizar os itens lexicais no discurso, de conectar e de retomar partes de um texto e de manifestar noções gramaticais como gênero, número, pessoa, tempo, modo e aspecto. Na ocorrência seguinte, por exemplo, vemos que o verbo DANAR não apresenta mais o sentido de *prejudicar*, presente na ocorrência (16), mas sim a função de marcar as noções gramaticais de tempo, número, modo e aspecto.

<sup>14</sup> Neste trabalho, estamos tratando da gramaticalização sob essa perspectiva.

<sup>15</sup> “Grammaticalization is defined as a process which is hypothesized to be essentially unidirectional” (Heine, 2003, p.575)

(17) “Eu também, o pior foi na hora do amém, ele não conseguiu falar e **danou a rir!** Aí eu morri de rir!” (TWITTER, grifo nosso)

O surgimento de elementos gramaticais a partir da extensão do uso de itens lexicais, conforme ilustrado pelos exemplos acima, diz respeito a um subconjunto de mudanças linguísticas concebido por Heine (2003) como gramaticalização, perspectiva também endossada por esse estudo.

De acordo com Castilho (1997), um processo de gramaticalização compreende os seguintes estágios: *sintaticização*, *morfologização*, *redução fonética* e *estágio zero*. No primeiro estágio, a *sintaticização*, o item lexical é recategorizado e passa da categoria lexical para a categoria funcional. No estágio da *morfologização*, criam-se formas presas, que podem ser afixos derivacionais ou flexionais. A *redução fonética*, o terceiro estágio, é um processo que ocorre quando há a junção de formas livres em formas presas, que se gramaticalizam como afixos. Por fim, no *estágio zero*, o item se esgota ao máximo, de modo que pode haver a retomada do processo de gramaticalização, que é um processo contínuo. Paralelamente a esses estágios, os itens sofrem alterações semânticas, ou seja, vão se abstraindo de seus valores semânticos mais concretos para assumir funções de âmbito gramatical e discursivo.

A tramitação de categoria lexical para categoria gramatical, o estágio da sintaticização, é o que estaria acontecendo com o verbo DANAR no Português Brasileiro. No ciclo das alterações por que pode passar um item, proposto por Hopper e Traugott (2003 [1993]), o verbo DANAR parece encontrar-se entre as etapas (a) e (b) de “a. item lexical > b. item gramatical > c. clítico > d. afixo.” (p.7, tradução nossa<sup>16</sup>), passando de verbo pleno a verbo auxiliar.

Heine (2003) apresenta os mecanismos que estão envolvidos, de forma inter-relacionada, na gramaticalização das expressões linguísticas:

- i desemantização (ou “bleaching” redução semântica): a perda de conteúdo semântico;
- ii extensão (ou generalização do contexto): uso em novos contextos;
- iii decategorização: perda de propriedades morfossintáticas características da forma de origem, incluindo a perda do estatuto de palavra independente (cliticização, afixação);
- iv erosão (ou “redução fonética”), isto é, perda de substância fonética. (HEINE, 2003, p. 579, tradução nossa<sup>17</sup>)

<sup>16</sup> “Content item > grammatical word > clitic > inflectional affix” (HOPPER e TRAUGOTT, 2003, p. 7).

<sup>17</sup> “i desemantization (or “bleaching,” semantic reduction): loss in meaning content;  
 ii extension (or context generalization): use in new contexts;  
 iii decategorialization: loss in morphosyntactic properties characteristic of the source forms, including the loss of independent word status (cliticization, affixation);  
 iv erosion (or “phonetic reduction”), that is, loss in phonetic substance.” (HEINE, 2003, p. 579)

No mesmo sentido, trilhando também o percurso de um item em processo de gramaticalização, Coelho (2006) constatou que uma forma linguística sofre algumas modificações ao se gramaticalizar e que tais modificações constituem evidências empíricas de que tal forma passa por processo de gramaticalização. Segundo a autora, a primeira dessas mudanças é a alteração semântica, ou seja, o item sofre uma perda gradual de seu conteúdo nocional e incorpora um conteúdo gramatical. Outra característica do processo é uma frequência maior do item, pois ele passa a desempenhar funções tanto gramaticais quanto lexicais, o que amplia seus contextos de ocorrência. A redução dos contextos sintáticos em que o item pode ocorrer é mais uma evidência que engloba o aumento da previsibilidade do uso e a fixidez da posição contextual em que o item pode figurar. De acordo com a autora isso acontece porque, à medida que o item vai se tornando mais gramatical, ele torna-se também mais regular, pois passa a sofrer as restrições impostas pela gramática, além de estar sujeito às pressões cognitivas. Além dessas, outra característica empírica é a redução do material fônico. O item em processo de gramaticalização pode, contudo, não sofrer todas as alterações descritas anteriormente – como a redução do material fônico – mas, as alterações semânticas ocorrem já nas etapas iniciais do processo. A principal alteração semântica está relacionada à coexistência de vários sentidos para a mesma forma, conforme vemos nos exemplos seguintes:

(18) “Ler no escuro pode **danar** a vista.” (HOUAISS, 2001)

(19) “Se eu não ficar na internet vou me **danar** a comer e ficar com azia depois.”  
(*TWITTER*, grifo nosso)

Diante de situações como essa, surge o questionamento se estaríamos diante de formas homófonas ou polissêmicas. Conforme Coelho (2006),

defender que dois termos quaisquer são homófonos significa admitir que possuem etimologias diferentes, mas que, no percurso histórico, sofreram alterações fonéticas responsáveis por assegurar a equivalência sonora e manter a diferença de significado. Apostar na polissemia implica admitir a existência de vários semas que se atualizam em função do contexto. (p. 34-35)

Acreditamos na origem comum das formas verbais destacadas em (18) e (19), o que leva a crer que estamos diante de um fenômeno de polissemia, resultante do processo de gramaticalização que originou DANAR auxiliar a partir de DANAR pleno. Outro indício de

que estamos diante de um caso de polissemia é encontrada na Linguística Cognitiva. Os trabalhos nessa área defendem que há polissemia quando existe certa regularidade entre os diversos sentidos do item. Essa é uma perspectiva diferente de se tratar a questão da polissemia, mas por meio dela também chegamos a um resultado semelhante àquele que se apóia em questões etimológicas. Essa regularidade é chamada por Silva (2003) de coerência. Para esse autor, existe polissemia quando há certa coerência semântica entre os diversos sentidos de determinada forma. Ele defende que o principal fator dessa coerência é a presença de esquemas imagéticos (resultantes de experiências perceptivas e motoras, ligadas ao corpo humano e a seu meio) comuns aos diversos sentidos do item<sup>18</sup>. Sigiliano (2008), por exemplo, defende que estamos diante de um caso de polissemia quando tratamos dos diversos sentido do verbo *pegar* no Português Brasileiro, porque, de forma coerente, por detrás de todos os sentidos desse verbo, subjazem os esquemas imagéticos de movimento e de contêiner.

Conforme Heine (2003), “a gramaticalização (...) é, acima de tudo, um processo semântico” (p. 583, tradução nossa<sup>19</sup>). Nesse processo, significados concretos são reinterpretados para expressão de significados mais abstratos. Isso está relacionado ao princípio da exploração de velhas formas para novas funções. Conforme Heine *et al.* (1991b, p.150),

por meio deste princípio, conceitos concretos são empregados para entender, explicar ou descrever fenômenos menos concretos. Desse modo, entidades claramente delineadas e/ou claramente estruturadas são recrutadas para conceitualizar entidades menos claramente delineadas ou estruturadas, experiências não-físicas são entendidas em termos de experiências físicas, tempo em termos de espaço, causa em termos de tempo, ou relações abstratas em termos de processos cinéticos ou relações espaciais. (HEINE ET AL, 1991b, p.150, tradução nossa<sup>20</sup>)

O desenvolvimento de categorias gramaticais se dá, portanto, com a passagem de itens concretos a itens mais abstratos. Nessa passagem estão envolvidas questões cognitivas<sup>21</sup> que estão relacionadas a dois mecanismos importantes: a metáfora e a metonímia, que serão conceituados na próxima subseção.

<sup>18</sup> As questões cognitivas envolvidas no processo de gramaticalização de DANAR serão apresentadas na seção de análise semântica.

<sup>19</sup> “grammaticalization (...) is above all a semantic process.” (HEINE, 2003, p. 583)

<sup>20</sup> “By means of this principle, concrete concepts are employed to understand, explains or describe less concrete phenomena. In this way, clearly delineated and/or clearly structured entities are recruited to conceptualize less clearly delineated or structured entities, non-physical experiences are understood in terms of physical experiences, time in terms of space, cause in terms of time, or abstract relations in terms of kinetic processes or spatial relations, etc.” (HEINE ET AL, 1991b, p.150)

<sup>21</sup> Essas questões cognitivas que permitem que DANAR concreto passe a assumir funções gramaticais serão discutidas na seção de análise semântica.

### 1.2.1 Mecanismos cognitivos atuantes na gramaticalização: metáfora e metonímia

Nos processos de gramaticalização, a metáfora está relacionada à dessemantização e à abstração dos itens que passam de domínios lexicais ou menos gramaticais para domínios gramaticais ou mais gramaticais.

Essa passagem de usos mais concretos para usos mais abstratos é o processo cognitivo de extensão de significados chamado de metáfora e assim definido por Oliveira (2001, p. 36): “processo cognitivo que permite mapear esquemas, aprendidos diretamente pelo nosso corpo, em domínios mais abstratos, cuja experimentação é indireta”.

Esse processo cognitivo é, para muitos semanticistas, o responsável pela elaboração do significado, que, para esses estudiosos, não é puramente linguístico, mas também cognitivo. Acredita-se que o falante adquira as propriedades semânticas da língua a partir de experiências concretas, as quais vão sendo estendidas metaforicamente para mapear domínios mais abstratos.

O sentido de DANAR, por exemplo, está inicialmente relacionado ao domínio físico<sup>22</sup>, mas passa, ao longo da história da língua, a se relacionar também ao domínio abstrato da gramática para a marcação de categorias verbais como tempo, aspecto, número, pessoa e modo.

Além da metáfora, outro mecanismo atuante nos processos de gramaticalização é a metonímia.

Enquanto a metáfora relaciona-se à extensão de usos, a metonímia é um mecanismo relacionado à extensão de categorias. Por meio da contiguidade, há uma reinterpretação provocada pelo contexto sintático. Conforme Martelotta *et al.* (1996, p. 54),

a metáfora constitui um processo unidirecional de abstratização crescente, pelo qual conceitos que estão próximos da experiência humana são utilizados para expressar aquilo que é mais abstrato e, conseqüentemente, mais difícil de ser definido. A metonímia diz respeito aos processos de mudança por contiguidade, no sentido de que são gerados no contexto sintático.

No contexto sintático, a metonímia apoia-se no princípio da reanálise. Conforme Langacker (1977) citado por Hopper e Traugott (2003 [1993]), a reanálise é uma “mudança na estrutura de uma expressão ou classe de expressões que não envolve qualquer modificação

<sup>22</sup> Um exemplo de DANAR relacionado ao domínio físico é encontrado em nosso corpus do século XIX: “(...) tudo fora metido ali, para ferir, para **danar**, para moer.” (*CORPUS DO PORTUGUÊS*, grifo nosso).

imediate ou intrínseca de sua manifestação superficial” (p. 40, tradução nossa<sup>23</sup>). Hopper e Traugott (2003 [1993]) afirmam ainda que, no fenômeno da gramaticalização, a fusão é um dos tipos mais simples e frequentes de reanálise.

Passaremos à discussão dos critérios que permitem a identificação de um processo de gramaticalização, já que nos apoiaremos neles para efetuarmos a análise de nosso fenômeno de mudança.

### 1.2.2 Critérios de gramaticalização

Na literatura acerca dos processos de gramaticalização, duas propostas são bastante conhecidas para ajudar a aferir o estatuto gramatical de determinado item/forma ou construção: os parâmetros de Lehmann (2002 [1982]) e os de Hopper (1991). O primeiro conjunto de parâmetros tem por meta aferir o grau de autonomia das formas em processo de gramaticalização, uma vez que Lehmann (*op. cit.*) acredita que a autonomia de um item é inversamente proporcional a seu grau de gramaticalidade. O segundo conjunto, conforme Gonçalves *et. al.* (2007, p. 79), focaliza a gramaticalização “quando desenvolvimentos óbvios, tais como a fusão de formas em radical + afixo, ainda não ocorreram” – como acontece com o verbo DANAR aqui em estudo. Por esse motivo, justificamos a adoção dos parâmetros de Hopper (1991).

Outro motivo que justifica a escolha dos parâmetros de Hopper (1991) é que os parâmetros de Lehmann<sup>24</sup> (2002 [1982]) já foram verificados por Gonçalves *et al.* (2007) nas perífrases aspectuais extraídas de Travaglia (2006) (as quais são chamadas de perífrases aspectuais constituídas de verbos da família de *começar* (*botar, danar, desandar, dar, entrar, pegar, por e principiar*) (p. 69, grifos do autor)), chegando-se à conclusão de que “os parâmetros do plano paradigmático revelam que se trata de itens fracamente gramaticalizados, proposição que se reverte quando considerados os parâmetros do plano sintagmático” (p. 78).

<sup>23</sup> “change in the structure of an expression or class of expressions that does not involve any immediate or intrinsic modification of its surface manifestation.” (LANGACKER, 1977 *apud* HOPPER e TRAUGOTT, 2003, p. 51)

<sup>24</sup> Para medir o grau de autonomia de um signo, o autor propõe a verificação de três aspectos: peso (proeminência no sintagma), coesão (relações com outros signos) e variabilidade (possibilidade de movimento do item). Esses aspectos são relacionados aos eixos paradigmático e sintagmático, resultando nos seguintes parâmetros: Integridade (peso), Paradigmaticidade (coesão), Variabilidade paradigmática (variabilidade) (no eixo paradigmático) e Escopo (peso), Conexidade (coesão), Variabilidade sintagmática (variabilidade) (no eixo sintagmático).

Verificar-se-á no capítulo de análise dos dados, por exemplo, que o parâmetro da coesão (coesão), pertencente ao plano sintagmático, é atualizado em nossos dados. Esse parâmetro, conforme Gonçalves *et al.* (2007),

refere-se à coesão de um item com outro, isto é, ao grau com que se liga a outros signos ou ao grau com que deles dependa. Embora esse critério aplique-se mais a casos de morfologização, vale [...] a tentativa de sua aplicação aos casos de formas alternantes de codificação de aspecto inceptivo<sup>25</sup>. (p. 77).

Dado o estágio do processo de gramaticalização de DANAR, foi possível combinar em nossa análise os princípios de Hopper (1991) e alguns parâmetros de Lehmann (2002 [1982]), conforme será visto no capítulo de análise dos dados.

### 1.2.3 Princípios de Hopper (1991)

Hopper (1991 *apud* Gonçalves *et al.*, 2007, p. 79) afirma

que a gramática de uma língua é sempre emergente, ou seja, estão sempre surgindo novas funções/valores/usos para formas já existentes e, nesse processo de emergência, verificável a partir de padrões fluidos da linguagem, é possível reconhecer graus variados de gramaticalização que uma forma vem a assumir nas novas funções que passa a executar, tornando-se imperioso, então, contar com recursos que permitam identificar os primeiros estágios desse processo de mudança. (GONÇALVES *et al.*, 2007, p. 79).

Os cinco princípios de Hopper (*op. cit.*) – *estratificação, divergência, especialização, persistência e descategorização* – constituirão, em nossa análise, um indício a mais (além dos critérios sintático, semântico e de frequência) do processo de mudança pelo qual passa o verbo DANAR.

De acordo com o princípio da *estratificação*, em um mesmo domínio funcional amplo, novas camadas podem emergir e coexistir com camadas mais antigas. Isso se deve ao fato de que, com o surgimento de novas formas funcionais, a substituição das equivalentes preexistentes não é imediata ou pode até mesmo não vir a acontecer, o que resulta, conseqüentemente, na coexistência de antigas e novas camadas em um mesmo domínio.

---

<sup>25</sup> Defenderemos mais adiante que esse tipo de perífrase não atualiza apenas o aspecto inceptivo, como descrito aqui.

Conforme observa Hopper (1991), há um amontoamento, em um mesmo domínio funcional, de formas sutilmente diferenciadas que têm, aproximadamente, o mesmo significado.

O princípio da *divergência* diz que a unidade lexical que dá origem ao processo de gramaticalização pode manter as suas propriedades originais, mantendo-se na língua também como um item autônomo e sujeito, portanto, a novos processos de gramaticalização.

O princípio da *especialização* relaciona-se com a diminuição de opções para se codificar determinada função, à medida que uma das opções passa a ocupar mais espaço, porque se gramaticalizou mais. Como consequência, há um aumento na frequência da forma mais adiantada no processo de gramaticalização.

Para o princípio da *persistência*, quando uma forma é submetida à gramaticalização, alguns vestígios da sua história original podem ser refletidos na sua distribuição gramatical.

Por fim, o princípio da *descategorização* defende que existe uma tendência de a forma em gramaticalização perder ou neutralizar as marcas morfológicas e as características sintáticas que são próprias da forma plena.

Precisamos deixar claro neste momento que o termo *mudança*, usado por Hopper (*op. cit.*), não tem o mesmo sentido do termo *mudança* proposto por Labov (1972) e tão difundido na literatura linguística. Para Labov (*op. cit.*), para que haja mudança, é preciso que haja variação entre duas formas que expressam o mesmo valor de verdade. Após um período de variação entre as formas, instala-se uma delas, o que configura uma mudança na língua. Para Hopper (*op. cit.*) e para alguns teóricos da gramaticalização, a *mudança* é entendida como a passagem de uma categoria não gramatical para uma categoria gramatical ou de uma categoria menos gramatical para uma mais gramatical. Na passagem de DANAR verbo pleno a VI de construção gramatical, não há variação entre essas duas formas, mas uma mudança de categoria lexical a categoria funcional.

Contudo, Travaglia (2010), ao se propor a estudar uma gramaticalização em cadeia para indicação de aspecto, cogita sobre um processo de variação, no sentido laboviano, entre o verbo objeto deste estudo e mais dezenove verbos, os quais ele denomina verbos de valor assemelhado: “dar para, disparar a, destampar a, desatar a, garrar a, agarrar a, pegar a, deitar a, despejar a, cair a, disparar a, romper a, **danar a**, desandar a, entrar a, iniciar, botar, pôr-se a, desenfrear a, desembestar a.” (p.107 grifos nossos)

Inferimos também do trabalho de Travaglia (2010) a proposta de existência de variação entre *começar/passar* e os demais verbos entre os quais se inclui DANAR quando Travaglia (*op. cit.*) diz que “esses verbos de valor assemelhado podiam constituir

‘concorrentes’ dos verbos em foco no estudo” (p. 106, aspas do autor). Apresentaremos a seguir algumas considerações da teoria da variação e mudança linguística que nos ajudarão a explicar, no capítulo de análise, o porquê de não concordarmos com a ideia de que DANAR é um concorrente de *começar/passar*.

### 1.3 VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA

Um pressuposto básico do estudo da variação e mudança linguística é a existência de heterogeneidade em uma comunidade de fala. De acordo com Labov (1968),

os procedimentos da linguística descritiva se baseiam no entendimento de que a língua é um conjunto estruturado de normas sociais. No passado, foi útil considerar que tais normas eram invariantes e compartilhadas por todos os membros da comunidade linguística. Todavia, as análises do contexto social em que a língua é utilizada vieram demonstrar que muitos elementos da estrutura linguística estão implicados na variação sistemática que reflete tanto a mudança temporal quanto os processos sociais extralinguísticos. (LABOV, 1968, p. 241, tradução nossa).<sup>26</sup>

Essa teoria defende que a heterogeneidade linguística não é aleatória, mas regulada por um conjunto de regras variáveis que funcionam para favorecer ou desfavorecer, variavelmente e com pesos específicos, o uso de uma ou de outra forma em cada contexto em uma comunidade de fala. (LABOV, 1994).

Essa comunidade de fala, segundo Labov (1972),

não se define por nenhum acordo marcado quanto ao uso dos elementos da língua, mas sobretudo pela participação num conjunto de normas estabelecidas. Tais normas podem ser observadas em tipos claros de comportamento avaliativo e na uniformidade de modelos abstratos de variação, que são invariantes com relação aos níveis particulares de uso (LABOV, 1972, p. 120-121, tradução nossa)<sup>27</sup>

Em toda comunidade de fala, as formas linguísticas em variação são frequentes. Essas formas em variação recebem o nome de variantes. As “variantes linguísticas são,

---

<sup>26</sup> “The procedures of descriptive linguistics are based upon the conception of language as a structured set of social norm. It has been useful in the past to consider these norms as invariants, shared by all members of the speech community. However, closer studies of the social context in which language is used show that many elements of linguistic structure are involved in systematic variation which reflects both temporal change and extralinguistic social processes” (LABOV, 1968, p.241)

<sup>27</sup> “The speech community is not defined by any marked agreement in the use of language elements, so much as by participation in a set of shared norms; these norms may be observed in overt types of evaluation behavior, and

portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística”. (TARALLO, 1986, p.8). Conforme Labov (1972), “as variantes são idênticas quanto à referência ou ao valor de verdade, mas opostas em sua significação social e/ou estilística.” (p. 271, tradução nossa)<sup>28</sup>. Parece-nos que é nesse princípio que se baseia Travaglia (1985), para considerar o verbo DANAR como um marcador de inceptividade tal como *começar/passar*.

A variação linguística, que é um fenômeno universal, pressupõe a existência dessas formas linguísticas alternantes denominadas variantes (MOLLICA E BRAGA, 2003). A variação é, portanto, essencial e inerente à própria natureza da linguagem humana e, segundo Labov (1972),

os linguistas nunca foram inconscientes dos problemas da variação [...]. A prática normal consiste em deixá-la de lado, não porque a consideram sem importância, mas porque pensam que as técnicas da linguística não são adequadas para estudá-las (LABOV, 1972, p. 70-71, tradução nossa)<sup>29</sup>.

Em reação a essa ausência de técnicas para se estudar a natureza heterogênea da língua, surge a Sociolinguística, cujo pai é William Labov, que se dedicou a desenvolver metodologias para se estudar a variação e a mudança linguística.

Conforme Labov (1972), variação não implica mudança, mas a mudança implica sempre variação. As mudanças não ocorrem de um dia para o outro, elas são sempre precedidas de variação, em que as formas rivais convivem. Não temos, no entanto, esse conceito de mudança nos processos de gramaticalização. Conforme já explicitamos, em um processo de gramaticalização não há variação entre a forma lexical e a forma gramatical até que uma suplante a outra. A mudança ocorre no sentido de que se dá a passagem de uma categoria não gramatical para uma categoria gramatical.

Relacionando a teoria da variação e mudança linguística ao nosso objeto de estudo, segundo Travaglia (2010), teríamos *começar/passar* e DANAR como formas concorrentes<sup>30</sup>, de modo que uma poderia suplantá-la a outra ou conviverem por muito tempo

---

by the uniformity of abstract patterns of variation which are invariant in respect to particular levels of usage.” (LABOV, 1972, p.120-121)

<sup>28</sup> “the variants are identical in referential or truth value, but opposed in their social and/or stylistic significance.” (LABOV, 1972, p.271)

<sup>29</sup> “Linguists have never been unconscious of the problem of [...] variation. The normal practice is to set such variants aside – not because they are considered unimportant, but because the techniques of linguistics are thought to be unsuitable or inadequate to handle them” (LABOV, 1972, p. 70-71).

<sup>30</sup> Defenderemos outra posição no capítulo de análise dos dados.

na língua sem se dizer que uma vai substituir a outra, havendo, assim, o que se chama de variação estável.

## CAPÍTULO 2

### DESCRIÇÃO DA METODOLOGIA

Neste capítulo, apresentaremos a descrição da metodologia adotada para este estudo. Na seção 2.1, apresentaremos o *corpus* utilizado e justificaremos sua escolha. Em 2.2, apresentaremos a descrição dos critérios de análise aos quais nossos dados foram submetidos.

#### 2.1 CARACTERIZAÇÃO DO *CORPUS*

Para a análise do processo de gramaticalização da construção  $V1_{\text{DANAR}} + (\text{pron}) + (\text{prep}) + V2_{\text{infinitivo}}$ , conforme já antecipado, adotamos um quadro teórico que busca conjugar as teorias da gramaticalização e da variação e mudança linguística. Essa interface gramaticalização/variação linguística justifica-se pela possibilidade de interpretar o surgimento dessa nova construção como resultado de um processo de mudança categorial para a expressão de uma função que pode também ser expressa por outras construções.

Levando-se em conta que a gramaticalização é um fenômeno que se detecta ao longo dos séculos e que, quanto maior a extensão diacrônica explorada, mais claramente se identifica o processo, optamos por uma pesquisa de natureza diacrônica, a qual atende a uma exigência teórica para se flagrar uma mudança linguística em curso ou em fase de consolidação.

Nesse sentido, lançamos mão do banco de dados *Corpus do Português* que, organizado e mantido pelos pesquisadores Mark Davies (Universidade Brigham Young) e Michael J. Ferreira (Universidade de Georgetown), está disponível *online* no sítio <http://www.corpusdoportugues.org> e conta com mais de quarenta e cinco milhões de palavras de quase cinquenta e sete mil textos escritos em português, que vão do século XIII ao XX. Tal *corpus* contém registros orais, ficcionais, jornalísticos e acadêmicos, o que nos permitiu contemplar uma variedade de tipos e gêneros textuais, a fim de evitarmos o favorecimento de um ambiente propício ao aparecimento do item em estudo.

O *Corpus do Português* compõe-se de textos do Português Europeu e do Português Brasileiro, mas esta pesquisa optou por verificar o processo de gramaticalização do verbo DANAR apenas no Português Brasileiro.

As ocorrências desse verbo no Português Brasileiro começam a aparecer apenas no século XIX, justamente quando começamos a falar em uma gramática nacional mais consolidada. Sabemos que é no século XIX, juntamente com os projetos de construção de uma identidade nacional, que surgem também os projetos de construção de uma identidade linguística nacional. Portanto, se o mais adequado seria mesmo começar a busca das ocorrências no século XIX – já que antes disso os textos escritos aqui, mesmo que por brasileiros, traziam a marca do ensino do Português Europeu – a coincidência dos fatos linguísticos do *corpus* utilizado nos levou a isso.

Para compor nosso *corpus* diacrônico, com as formas lexicais e gramaticais do verbo DANAR, utilizamos a ferramenta de busca do próprio *site*, a qual nos permite encontrar o verbo em todos os tempos e modos verbais ao colocarmos, no local de busca, o verbo entre colchetes. Entre as opções *lista*, *diagrama*, *PCEC* e *comparar*, selecionamos a opção *lista*, para que a lista das ocorrências do verbo aqui em estudo pudesse aparecer. Marcamos também *ignorar* na opção de escolha dos séculos; assim, o verbo DANAR apareceu em todos os séculos disponíveis nesse banco de dados (XIII - XX), embora, conforme já citado, as ocorrências no Português Brasileiro só apareceram a partir do século XIX. A figura a seguir ilustra essa etapa da busca no banco de dados.



**CORPUS DO PORTUGUÊS**  
45.000.000 PALAVRAS, sXIII-XX

VER CONTEXTO: CLIQUE NA PALAVRA (TODAS AS SEÇÕ [AJUDA...])

	<input type="checkbox"/>	CONTEXTO
1	<input type="checkbox"/>	DANAR
2	<input type="checkbox"/>	DANA
3	<input type="checkbox"/>	DANADO
4	<input type="checkbox"/>	DANE
5	<input type="checkbox"/>	DANOU
6	<input type="checkbox"/>	DANEM
7	<input type="checkbox"/>	DANAVA
8	<input type="checkbox"/>	DANÃO
9	<input type="checkbox"/>	DANAM
10	<input type="checkbox"/>	DAMNA
11	<input type="checkbox"/>	DANOU-SE

FIGURA 02 – Etapa de busca no *Corpus do Português*  
Fonte: Site *Corpus do Português*

Ao clicar em *pesquisar*, o banco de dados forneceu um total de 376 ocorrências do verbo DANAR, conforme vemos na imagem a seguir:

CORPUS DO PORTUGUÊS				ACESSO: 3/5	
45.000.000 PALAVRAS, sXIII-XX				histórico   listas   perfil   sair	
MOSTRA	34	<input type="checkbox"/>	DANNAR	2	
LISTA	35	<input type="checkbox"/>	DANOU-	1	
DIAGRAMA	36	<input type="checkbox"/>	DANEYS	1	
PCE	37	<input type="checkbox"/>	DANEIS	1	
COMPARAÇÃO	38	<input type="checkbox"/>	DANEI-ME	1	
PESQUISA	39	<input type="checkbox"/>	DANÉ	1	
PALAVRAS	40	<input type="checkbox"/>	DANAUAM	1	
COLOCAR	41	<input type="checkbox"/>	DANARES	1	
CATEGORIA GRAMATICAL	42	<input type="checkbox"/>	DANARÃO	1	
ALEATORIO	43	<input type="checkbox"/>	DANARMOS	1	
SECCOES	44	<input type="checkbox"/>	DANARIAS	1	
MOSTRA	45	<input type="checkbox"/>	DANAREIS	1	
1 -IGI	46	<input type="checkbox"/>	DANARDES	1	
s20	47	<input type="checkbox"/>	DANARAM	1	
s19	48	<input type="checkbox"/>	DANARA	1	
s18	49	<input type="checkbox"/>	DANAIS	1	
s17	50	<input type="checkbox"/>	DANAI	1	
s16	51	<input type="checkbox"/>	DANÁ	1	
s15			TOTAL	376	

1.188 seconds

Ajuda / informação / contactar

FIGURA 03 – Ocorrências fornecidas pelo *Corpus do Português*  
Fonte: Site *Corpus do Português*

Essas 376 ocorrências foram recortadas do contexto ampliado do site e coladas em um novo documento que compõe o nosso *corpus*. As ocorrências aparecem, no contexto ampliado, da seguinte maneira no site:

CONTEXTO AMPLIADO	
<b>FONTE:</b>	
Data	(1975)
Título	Queiroz, Rachel de
Autor	Dôra, Doralina
<b>Expanded context:</b>	
garota maluca, mas era moça de família, não era nenhuma mulher de cabaré. Até aquele homem velha. E afinal, o caso não era novidade nenhuma, da boca da própria Nazaré o soubera.. Seu pai rendesse a ele e largasse o outro. E se o outro já houvesse abiscoitado - em vez de se <b>danar</b> cor honrinha de ninguém. Se por milagre a menina fosse pura - pura não, que aquilo não era capaz de então seria outro pensar. Podia até chegar um dia a casamento, se visse que ela tomava jeito. Nã	

FIGURA 04 – Ocorrência de DANAR em contexto ampliado do *Corpus do Português*  
Fonte: Site *Corpus do Português*

Inicialmente, as ocorrências foram separadas por séculos (XIII a XX) e por origem (Português Brasileiro ou Português Europeu) após ser conferida a veracidade da informação fornecida pelo site *Corpus do Português*. Sentimos necessidade de verificar a veracidade da informação cedida pelo *Corpus do Português*, pois encontramos ocorrências que não pertenciam ao século no qual ela estava inserida. Como vimos na imagem anterior, o contexto ampliado da ocorrência traz a fonte do texto com data, título e autor, o que nos permitiu verificar se aquele autor, e conseqüentemente aquele seu texto, era mesmo da data indicada pela fonte cedida pelo *Corpus do Português*. Uma vez que trabalhamos num percurso diacrônico, é de extrema importância que cada ocorrência esteja corretamente localizada no tempo em que foi produzida.

A presença de textos tanto do Português Brasileiro quanto do Português Europeu, em nosso banco de dados, permitir-nos-ia comparar essas duas variantes, bem como visualizar se o processo ocorre só no Português Brasileiro ou se é um fenômeno presente também no Português Europeu; no entanto, isso não foi feito nesta pesquisa, dada a necessidade de se delimitar o objeto de nossa investigação, conforme já justificado.

Portanto, após excluir as ocorrências do Português Europeu, tivemos montado nosso *corpus* dos séculos XIX e XX, do Português Brasileiro.

Neste *corpus*, a construção aqui em estudo,  $V1_{\text{DANAR}} + (\text{pron}) + (\text{prep}) + V2_{\text{infinitivo}}$ , apareceu apenas seis vezes, e apenas no século XX<sup>31</sup>, o que nos indica que, como já intuíamos no início da pesquisa, trata-se de uma construção mais recente na língua.

Essa pequena quantidade de ocorrências gramaticais encontradas e a indicação de que a construção estaria mais no *continuum* da oralidade do que no da escrita, o que nos foi evidenciado pelos dados, levou-nos a procurar a construção em estudo em *corpora* de língua falada do Português Brasileiro.

Antes de falarmos da busca da construção gramatical  $V1_{\text{DANAR}} + (\text{pron}) + (\text{prep}) + V2_{\text{infinitivo}}$  em outros *corpora* de língua falada, vamos mostrar o que indicou que essa construção estaria mais no *continuum* da oralidade: Duas ocorrências estão na fala do narrador do romance *A cartilha do silêncio*, de Francisco J. C. Dantas, autor que traz para a sua obra o falar do sertanejo. A construção gramatical aparece na mesma oração em que se registra *fastando de costas*, ou seja, usa-se o verbo *afastar* no registro escrito como ele é comumente usado na fala. Vejamos:

---

<sup>31</sup> As ocorrências identificadas no século XIX eram apenas lexicais.

(20) “Então, pelo sangue da dentada azoretado, **danou-se a revidar** a pares de coices, **fastando** de costas, e raspando os cascos nas fuças do agressor (...)” (*CORPUS DO PORTUGUÊS*, grifos nossos).

Vemos, portanto, que, apesar da sua materialidade ser escrita, a construção aqui em estudo aparece em um contexto que se assemelha ao texto falado.

O mesmo acontece com outra ocorrência na fala do narrador personagem do romance *Rua Augusta*, de Maria de Lourdes Teixeira. *Danei-me a remar* aparece entre ocorrências típicas da oralidade, como o uso do pronome pessoal reto como complemento do verbo, em *enrolei ele nas mãos*, e o uso da expressão *e... zás!*. Vejamos:

(21) “(...) consegui desatar um loro, **enrolei ele** nas mãos **e... zás!** malhei no cocuruto do chefe com todo o pêso do estribo. Foi a minha sorte! saí correndo para a margem do rio, meti-me numa ubá, **danei-me** a remar tão ligeiro rio abaixo que, quando vi, não é que tinha diante de mim o arco-íris duma cachoeira!” (*CORPUS DO PORTUGUÊS*, grifos nossos)

Por fim, uma das ocorrências já é mesmo da oralidade, faz parte de uma transcrição de linguagem falada de Recife que compõe o *corpus*. Vale registrar também neste momento, para que não haja dúvidas no capítulo de análise dos dados, que dentre as seis ocorrências gramaticais encontradas no século XX, duas são formadas com a preposição *de* e quatro com a preposição *a*, nosso objeto de estudo inicial.

Diante das poucas ocorrências da construção gramatical no *corpus* inicialmente selecionado e das evidências de que a construção estaria ainda no *continuum* da oralidade e em contextos mais informais, buscamos por ocorrências no *corpus* C-oral-Brasil, o qual visa ao estudo da fala espontânea do Português Brasileiro. No entanto, não houve nenhuma ocorrência da construção gramatical nesse *corpus*. Partimos, então, para uma nova busca no banco de dados do Projeto Mineirês, o qual dispõe da transcrição de entrevistas sociolinguísticas de seis cidades mineiras: Belo Horizonte, Ouro Preto, Arceburgo, São João da Ponte, Mariana e Piranga. Também nesse *corpus* não encontramos uma quantidade significativa de ocorrências, apenas uma, da cidade de Mariana:

(22) "ah, eu brigo com ele, mas ele tem (onze meses) porque ele joga as coisas em você, depois aí ele vira pro lado do meu pai e **dana a chora[r]**, num pode xinga[r], nem

nada” (BANCO DE DADOS DO PROJETO MINEIRÊS, grifo nosso)

Dada a realidade frente aos *corpora* consultados, a limitação de nosso tempo para fazer gravações e a certeza da existência da construção – por ouvi-la com certa frequência e por ela ter sido registrada também por Travaglia (2010) – decidimos lançar mão do *Twitter*, uma das maiores redes sociais da INTERNET, como fonte de dados para a busca da construção em estudo. A escolha do *Twitter* justifica-se pelo fato de o registro escrito feito ali aproximar-se muito da oralidade informal e, como já mostramos, a construção parece pertencer mais a esse domínio. Sobre essa relação fala/escrita, é importante lembrar, como alertou Marcuschi (2001), que oralidade e escrita configuram um *continuum* tipológico, caracterizado, de um lado, pelas peculiaridades de cada uma dessas modalidades e, de outro, pelas semelhanças percebidas em diversos gêneros – o que faz com que às vezes se torne bastante difícil definir o limite entre elas. Podemos dizer que os *tweets* (como são chamados os pequenos textos de até 140 caracteres produzidos no *Twitter*), assim como um bilhete, apesar da forma escrita, mantêm muitas semelhanças com uma conversa informal. A busca por ocorrências no *Twitter* justifica-se ainda pela necessidade de se confirmar se  $V1_{\text{DANAR}} + (\text{pron}) + (\text{prep}) + V2_{\text{infinitivo}}$  é, de fato, uma construção utilizada pelos falantes do Português Brasileiro.

Justifica-se, por fim, a escolha de uma rede social da INTERNET por ser esse ambiente um dos locais, ou o local, onde as pessoas, talvez, mais escrevam atualmente. Em relação a esse aspecto metodológico, Marcuschi (2001) observa que, neste momento, para os estudos da linguagem, a noção mais importante “é a que sugere serem os fatos da língua uma construção social e não um dado objetivo” (p.18). Portanto, nada mais social, representando os fatos reais da língua, que o texto produzido nas redes sociais.

Para, então, compor o *corpus* do século XXI, buscamos no *Twitter* as ocorrências da construção  $V1_{\text{DANAR}} + (\text{pron}) + (\text{prep}) + V2_{\text{infinitivo}}$ . Para que aparecesse o maior número de ocorrências possível, utilizamos a ferramenta *busca avançada* do próprio *Twitter*. Digitamos, primeiro, no local indicado, o verbo DANAR sozinho em todas as suas conjugações e, em seguida, o verbo DANAR em todas as suas conjugações acrescido da preposição *a*, que compõe a construção; selecionamos o idioma, o local e mandamos buscar, como ilustra a figura a seguir. Digitamos o verbo acrescido apenas da preposição *a*, porque, inicialmente, nosso objeto de estudo era apenas esse, mas, uma vez que o *Twitter* nos forneceu ocorrências do verbo DANAR também com as preposições *de*, *para* e *em*, inserimos essas ocorrências na análise, pois não poderíamos omitir tal fato linguístico. Contudo, uma pesquisa mais acurada

das preposições que figuram com DANAR para marcação de aspecto e de uma possível concorrência entre DANAR *a*, DANAR *de* e DANAR *para* ficou em aberto para trabalhos futuros.

FIGURA 05 – Ferramenta de busca no *Twitter*

Fonte: *Twitter*

Dessa forma, o verbo DANAR não apareceu apenas na construção gramatical, mas também na forma lexical com vários sentidos. Essas ocorrências lexicais também compuseram o *corpus* para analisarmos os diversos sentidos do verbo em estudo. Essa decisão metodológica justifica-se pelo fato de a teoria nos dizer que a abstração de sentidos da forma é algo inerente ao processo de gramaticalização.

Essa ferramenta de busca do *Twitter* oferece as ocorrências publicadas em *tweets* dos 10 dias que antecedem a data da busca. Para a busca de todas as formas do verbo foi necessário utilizar quatro datas diferentes, mas o *Twitter* sempre nos ofereceu, de forma regular, as ocorrências dos últimos 10 dias, o que nos permitiu ter uma regularidade metodológica. As coletas foram feitas nos dias 31/12/12, 01/01/13, 04/01/13 e 14/01/13.

Findo o processo de montagem do nosso *corpus*, que é composto, então, de ocorrências do século XIX ao XXI, tabulamos e separamos nossas ocorrências em forma lexical – aquela em que o verbo DANAR ocorre como forma verbal simples – e em forma gramatical – aquela em que o referido verbo junta-se a uma forma verbal nominal, constituindo uma construção. A partir de então, os dados foram tratados conforme os seguintes critérios propostos na literatura dos estudos de gramaticalização: frequência do item, critério semântico e critério sintático, os quais serão descritos a seguir.

## 2.2 DESCRIÇÃO DOS CRITÉRIOS DE ANÁLISE

O critério da frequência do item objetivou quantificar o processo de gramaticalização do verbo DANAR, verificando se, conforme prevê a literatura, houve um aumento da frequência total decorrente do fato de o item ser empregado tanto na categoria dos itens lexicais, como na categoria dos itens gramaticais. Visando a obter tais valores, procedemos à contagem das formas verbais DANAR em todas as suas flexões. Essa contagem foi realizada em todos os séculos disponíveis no *corpus* preparado para o estudo, obtendo-se, assim, a frequência total da forma por século e a frequência gramatical. Computar a frequência gramatical é de extrema importância, pois só há indício de gramaticalização se o aumento da frequência total decorre do aumento da frequência gramatical. Caso contrário, pode ser uma mera expansão no léxico.

Uma vez que lidamos com *corpora* de naturezas distintas, por motivo já justificado, também tivemos *corpora* com quantidades de palavras diferentes. No século XIX, tivemos um *corpus* de 3000 palavras, no século XX, de 6863 palavras, e, no XXI, de 22058 palavras. O *corpus* do século XXI, os recortes de *tweets* com DANAR, é bem maior que os demais, dado o grande volume de informações postadas diariamente no *Twitter*. Se fôssemos fazer recortes aleatórios nos *corpora* dos séculos XX e XXI, para equilibrar seus tamanhos com o século XIX, correríamos o risco de perder ocorrências importantes que nos ajudariam

na caracterização desse processo de gramaticalização aqui em estudo. Decidimos, então, manter os *corpora* originais, com todas as ocorrências encontradas e consideramos que isso não trouxe prejuízos para a análise da frequência, uma vez que a frequência de cada uma das formas do verbo foi calculada com base na quantidade de palavras de cada século e só depois comparada com a frequência de outro século. Essa decisão é matematicamente possível. Só após encontrar a porcentagem representativa de cada tipo de DANAR em cada século é que as porcentagens foram comparadas entre os séculos<sup>32</sup>.

Passando ao critério semântico, esse nos diz que, à medida que uma forma se gramaticaliza, ela sofre alterações semânticas, perdendo semas concretos, tornando-se mais abstrata até assumir valores gramaticais. Assim, buscamos identificar, ao longo dos três séculos, os diferentes sentidos de DANAR, cotejando-os com seu sentido etimológico, que, conforme Coelho (2006), consideramos o mais concreto. Para determinar os sentidos que consideraríamos mais concreto, lançamos mão de cinco dicionários etimológicos, a fim de localizar o maior número de registros etimológicos possíveis e não incorreremos no erro de computar um sentido etimológico (que consideramos concreto) como abstrato por ele não aparecer em determinado dicionário. Assim, utilizamos: Cunha (1986), Silveira Bueno (1974), Nascentes (1952-1955), Saraiva (1993) e Faria (2003).

Esta etapa de identificação dos semas permitiu ainda a investigação da expansão lexical do item, o fenômeno denominado de lexicalização. Ao analisar os diversos sentidos do verbo DANAR no Português Brasileiro, discutimos também a questão da polissemia do item.

Para o critério sintático, de acordo com a literatura referente aos estudos da gramaticalização, a redução dos contextos sintáticos, a maior fixidez da forma e a maior previsibilidade dos contextos de ocorrência do item são resultados do avanço do processo de gramaticalização. Verificamos, então, em nossos dados, a propriedade dessas assertivas para o verbo DANAR. Além disso, a literatura prevê que, quanto mais avançado o processo de gramaticalização de uma forma perifrástica, maior a sua coesão. Aferimos, então, a coesão de  $V1_{\text{DANAR}} + (\text{pron}) + (\text{prep}) + V2_{\text{infinitivo}}$ , verificando, em nossas ocorrências gramaticais, a presença ou a ausência de material interveniente entre o V1 e o V2 da construção. Nessa etapa, verificamos ainda a questão da perda pronominal identificada na análise dos nossos dados e da perda da propriedade de selecionar argumentos. Essa perda de propriedades

---

<sup>32</sup> Ainda que estejamos tomando o cuidado de comparar as ocorrências de *corpora* de tamanhos diferentes de uma forma matematicamente coerente, estamos conscientes de que o número de falantes em cada século é distinto e de que a probabilidade de ocorrência de uma palavra é proporcional ao número de falantes. No entanto, consideramos que nossos *corpora* cumprem nosso objetivo principal: evidenciar o processo de gramaticalização desse item que não aparece facilmente nos *corpora* geralmente utilizados pelas pesquisas linguísticas.

próprias da categoria está relacionada ao princípio da descategorização proposto por Hopper (1991), segundo o qual categorias plenas, ao se gramaticalizarem, tendem a perder ou a neutralizar marcas morfológicas e propriedades sintáticas que lhes eram intrínsecas. Os princípios de Hopper (1991), conforme já apresentados no capítulo primeiro, permitem identificar os primeiros estágios do processo de mudança de um item, quando fatos comuns aos processos de gramaticalização – como a fusão de formas – ainda não ocorreram. Portanto, os princípios de Hopper (1991) foram também adotados como instrumental para nos auxiliar a analisar a gramaticalização do verbo DANAR, já que esse processo, conforme demonstraram os dados, está em fase mais inicial, não tendo ainda atingido as situações mais formais de uso da língua.

Por fim, para a discussão proposta sobre a concorrência entre DANAR e *começar/passar*, baseamo-nos no conceito central à Sociolinguística laboviana, ou seja, o conceito de variação, o qual evoca as ideias de variável e de variante linguística. A variável linguística é constituída de duas ou mais formas distintas em variação que transmitem o mesmo valor de verdade em um mesmo contexto. Essas duas ou mais formas distintas de se dizer a mesma coisa são as variantes. Portanto, para que haja uma variável linguística, é necessário que haja duas ou mais variantes e que elas tenham o mesmo valor de verdade (LABOV, 1972). Discutiremos, portanto, se *começar/passar* e DANAR são variantes da variável aspecto inceptivo, como proposto por Travaglia (2010). Neste trabalho não estamos lidando com variáveis do tipo sexo, idade, classe social, escolaridade, etc., pois a especificidade de constituição do *corpus* não nos permitiu controlar tais variáveis. Ademais, não se trata de um trabalho de cunho sociolinguístico e vamos apenas nos valer de alguns de seus pressupostos, mais especificamente do conceito de variante linguística, para atingir um de nossos objetivos específicos.

Descritos os procedimentos metodológicos deste trabalho, passamos agora, no capítulo subsequente, à apresentação dos resultados alcançados.

## CAPÍTULO 3

### APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Passaremos agora à análise e à discussão dos dados por nós obtidos. Inicialmente discutiremos o critério da frequência do item, apresentando a frequência total de DANAR e sua frequência enquanto forma lexical e enquanto forma gramatical, o que nos permitiu precisar o início do processo de gramaticalização do item aqui em estudo ao longo dos três séculos analisados. Na seção seguinte, apresentaremos os dados referentes ao critério sintático. Discutiremos (i) as questões de restrição do contexto sintático, (ii) o princípio da persistência, de Hopper (1991), para explicar a presença de um vestígio pronominal na estrutura da construção, (iii) a importância de cada elemento constituinte da relação sintagmática para a marcação do aspecto inceptivo com prolongamento da ação, e (iv) a coesão desses elementos. Em seguida, realizaremos a análise do critério semântico.

Nessa etapa, dado o grande número de sentidos encontrados para DANAR, defenderemos que estamos diante de um caso de polissemia, resultado de um processo metafórico de abstração semântica, o qual está relacionado aos esquemas imagéticos de força e de movimento. Defenderemos ainda que são esses esquemas cognitivos os responsáveis por permitir que DANAR integre uma construção marcadora de aspecto inceptivo com prolongamento da ação.

Em seguida, apresentaremos os princípios de Hopper (1991) atualizados em nossos dados. Prosseguindo com a análise, mostraremos como a construção aqui em estudo contradiz o fenômeno da *relevância do presente* (FLEISHMAN, 1982, KURYLOWICZ, 1965 *apud* VITRAL, 2012), por DANAR ser usado majoritariamente no passado. Por fim, discutiremos a proposta de concorrência entre DANAR e *começar/passar*, apresentada por Travaglia (2010). Encerrando o capítulo, faremos nossas considerações finais a respeito dos resultados alcançados.

### 3.1 ANÁLISE DA FREQUÊNCIA DO VERBO *DANAR*

Norteando-nos pelos objetivos propostos, buscamos precisar quantitativamente a frequência das formas do verbo *DANAR*, tentando identificar em que período surgiu a construção gramatical  $V1_{\text{DANAR}} + (\text{pron}) + (\text{prep}) + V2_{\text{infinitivo}}$ . Computar a frequência gramatical, comparando-a à frequência total, é de extrema importância, pois, conforme mencionamos, só há indício de gramaticalização se o aumento da frequência total decorre do aumento da frequência gramatical. Caso contrário, o aumento da frequência total pode ser o reflexo de uma mera expansão no léxico. Assim, analisamos a frequência do verbo *DANAR*, comparando o número total de ocorrências do item em cada um dos três séculos estudados, bem como sua frequência enquanto forma lexical e enquanto forma gramatical.

Comparando as porcentagens obtidas para cada uma das formas do verbo ao longo dos três séculos, pudemos verificar a expansão ou a diminuição de cada uma delas (*DANAR* predicador (cf. 23), *DANAR* em expressão idiomática (cf. 24) e *DANAR* em construção gramatical (cf. 25)).

(23) “Joca Barbeiro sabia de uma menina que os retirantes tinham deixado com D. Fausta, e a judiaria da mulher com a mocinha fora tão grande, que a pobre se **danara** por este mundo afora.” (*CORPUS DO PORTUGUÊS*, grifo nosso)

(24) “**vai te danar**, yara kkkkkkkk” (*TWITTER*, grifo nosso)

(25) “Deixa quieta senão ela vai **danar a falar** rrsrs” (*TWITTER*, grifo nosso)

Os dados obtidos foram tabulados e analisados de modo que as ocorrências do verbo *DANAR* são apresentadas nas tabelas a seguir.

TABELA 1

Análise diacrônica da frequência lexical/gramatical do verbo DANAR no *Corpus do Português*.

Verbo DANAR	Séc. XIX	Séc. XX
LEXICAL		
*Predicador 1 <sup>33</sup>	11 (0.36%)	8 (0.11%)
*Predicador 2	0 (0%)	2 (0.030%)
*Expressão idiomática	0 (0%)	21 (0.3%)
GRAMATICAL		
	0 (0%)	6 (0.08%)
<b>Ocorrência total</b>	<b>11/3000</b>	<b>37/6863</b>

Fonte: Dados coletados

Conforme se observa na tabela 1, no século XIX, período em que começamos a encontrar em nosso *corpus* ocorrências de DANAR no Português Brasileiro, foram encontradas apenas ocorrências lexicais. Isso nos sugere que, no Português Brasileiro, o item aqui em estudo começa a desempenhar funções gramaticais, integrando a construção  $V1_{\text{DANAR}} + (\text{pron}) + (\text{prep}) + V2_{\text{infinitivo}}$  para marcação de aspecto inceptivo com prolongamento da ação, apenas a partir do século XX, o que constitui um processo de mudança recente na língua.

A hipótese da gramaticalização é comprovada apenas parcialmente pelos dados, já que – apesar da diminuição nos percentuais da frequência do Predicador, que está incluído no rol das ocorrências lexicais, e do aparecimento da forma gramatical no século XX – o aumento da frequência total de DANAR não resulta apenas do aumento da frequência gramatical, mas também da expansão que esse item sofre no léxico com as expressões idiomáticas.

<sup>33</sup> Subdividimos os Predicadores em 1 e 2, pois no século XIX todos os Predicadores têm sentidos encontrados nos dicionários etimológicos; na análise semântica integram, portanto, o rol das ocorrências concretas. Já no século XX, 8 (0.11% do total de palavras do *corpus*) também são Predicadores semanticamente concretos e 2 (0.030% do total de palavras do *corpus*) são Predicadores abstratos, ou seja, não têm sentidos encontrados nos dicionários etimológicos. Essa subdivisão se justifica, pois a frequência semântica de concretos e abstratos também nos ajuda a entender o processo de gramaticalização, o que será discutido mais adiante. A presença desses dois tipos de predicadores, conforme Coelho (2010), decorre do fato de a abstração do item não ser suficiente para a gramaticalização, mantendo o item no léxico, num uso mais abstrato, o que a autora chama de lexicalização. Quando a abstração é suficiente, o item se torna gramatical e muda de categoria (léxico > gramática).

O aparecimento de seis ocorrências da construção gramatical no século XX não deixa, no entanto, de ser um indicador de que DANAR está, sim, passando por um processo de gramaticalização. Diante da baixa ocorrência no *Corpus do Português* e da nossa hipótese de que a construção aqui em estudo é mais característica da oralidade, lançamos mão do *Twitter* para compor nosso *corpus* do século XXI. A escolha do *Twitter* se deu devido ao fato de serem os *tweets* um gênero escrito que se aproxima muito da oralidade, conforme já justificado em nossa metodologia. Nosso objetivo com a análise das ocorrências do *Twitter* era, pois, verificar se houve o aumento dos usos gramaticais, o que indicaria o avanço no processo de gramaticalização do item. Os dados obtidos são apresentados na tabela abaixo

TABELA 2

Análise diacrônica da frequência do verbo DANAR lexical/gramatical no *Twitter*.

<b>Verbo DANAR</b>	<b>séc. XXI</b>
<b>LEXICAL</b>	
Predicador 1	24 (0.10%)
Predicador 2	83 (0.37%)
Expressão idiomática	808 (3.66%)
<b>GRAMATICAL</b>	
	113 (0.5%)
<b>Total</b>	1028/22058
<b>Ocorrências em palavras</b>	

Fonte: Dados coletados

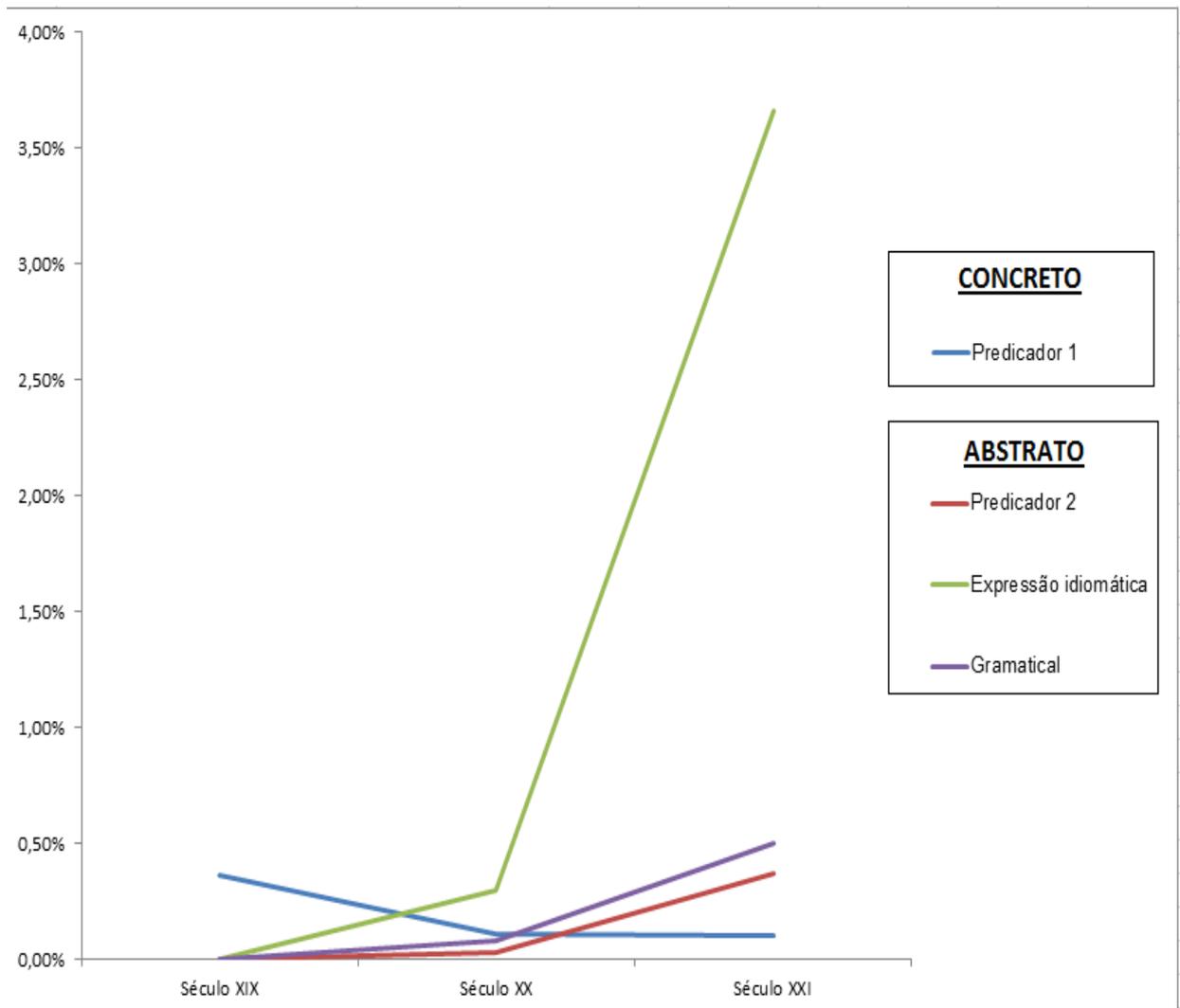
Comparando-se os dados do século XXI (tabela 2) com os dados do século XX (tabela 1), percebemos uma pequena redução do Predicador 1, um aumento de 12,3 vezes do Predicador 2, um aumento de 12,2 vezes das expressões idiomáticas e um aumento de 6.25 vezes do item gramatical<sup>34</sup>. Os dados nos indicam, portanto, que há, além do avanço do processo de gramaticalização, uma expansão no plano do léxico. A expansão no plano do léxico é também um indício de mudança, já que, quanto mais usado um item, maiores as chances de mudança. Além disso, verificamos que a expansão no léxico se dá entre os itens semanticamente abstratos (Predicador 2 e expressões idiomáticas), o que favorece a

<sup>34</sup> Estes resultados foram obtidos com base em um cálculo de proporção, considerando-se o tamanho dos *corpora*.

gramaticalização. Os dados revelam que, inegavelmente, há uma mudança<sup>35</sup> em curso. Comparando-se os dados dos três séculos, constata-se que houve nessa mudança uma redução dos itens concretos e um aumento dos itens abstratos, o que semanticamente é um indicativo de que o item passa por um processo de gramaticalização. Colocando os dados dos três séculos em um gráfico, verificamos que a queda da curva do item concreto se dá na passagem do século XIX ao XX, justamente no período em que aparecem as construções gramaticais e ocorre uma expressiva expansão semântica no plano do léxico, principalmente das expressões idiomáticas.

GRÁFICO 1

Tendência de usos do verbo DANAR no curso do tempo



FONTE: Dados computados

<sup>35</sup> O termo *mudança*, conforme já sinalizado neste texto, não é aqui utilizado no sentido de Labov (1972). Para esse linguista, para que haja mudança, é preciso que haja variação entre duas formas que expressam o mesmo valor de verdade. Não há no processo de mudança de verbo pleno a V1 da construção gramatical uma concorrência entre as duas formas, mas uma mudança de categoria de lexical a funcional.

Os dados revelaram que o aumento da frequência do verbo DANAR decorre não apenas do fenômeno da gramaticalização, mas também do fenômeno da lexicalização; isso porque o processo de abstração semântica que desencadeia a gramaticalização pode também incidir sobre o léxico. Conforme Coelho (2010, p. 338), “ao mesmo tempo em que o verbo pleno perde alguns de seus semas para se tornar uma categoria funcional, em decorrência de sua abstração, ele também incorpora outros, o que aumenta o seu leque semântico, tornando-o, dessa forma, mais polissêmico”.

Levando em conta o processo de abstração do verbo DANAR, poderíamos propor o seguinte esquema.

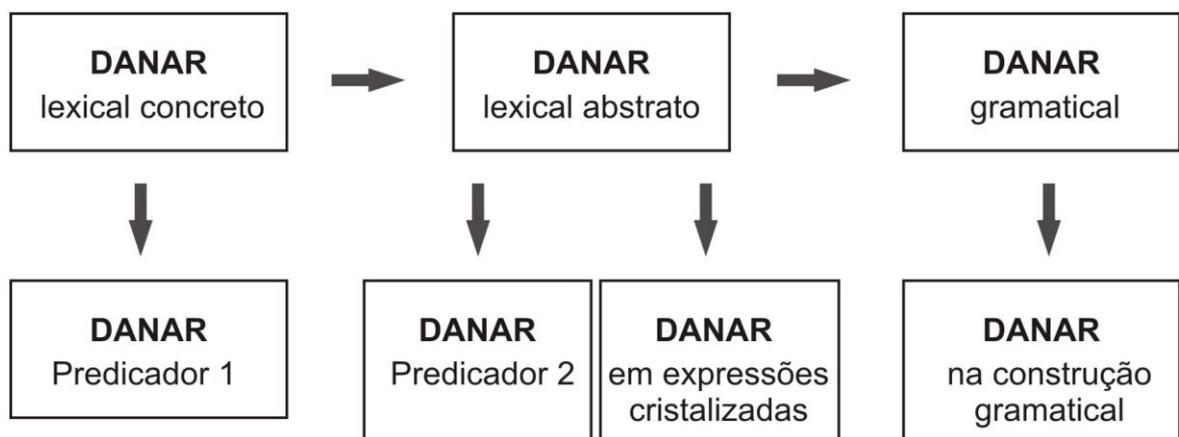


FIGURA 06 – Esquema de abstração do verbo DANAR

Fonte: Dados coletados

É importante lembrar que o fenômeno da gramaticalização não envolve apenas os processos metafóricos de abstração de semas, mas também processos que envolvem as relações sintagmáticas entre os constituintes da construção. Esse fato está relacionado ao critério sintático, o qual será discutido na próxima seção.

### 3.2 ANÁLISE DE ASPECTOS SINTÁTICOS DO VERBO *DANAR*

O critério de análise da natureza sintática do item buscou verificar se, tal como previsto pelos teóricos da gramaticalização, o verbo DANAR, em virtude de seu processo de gramaticalização, apresenta restrições de contexto sintático. A literatura (cf. HEINE & REH, 1984, LEHMANN (2002 [1982])) prevê que, com o avanço do processo de gramaticalização,

haja redução de seus contextos sintáticos – já que há uma tendência de as formas se tornarem mais fixas à medida que passam do léxico para a gramática – e não haja a presença de material interveniente entre os elementos constituintes da construção. Apresentaremos nesta seção, portanto, o resultado da análise dos contextos sintáticos em que DANAR figura quando passa a integrar a construção gramatical.

Conforme já vimos, o verbo DANAR se expandiu no léxico, apresentando possibilidades de usos diferentes dos usos etimológicos<sup>36</sup>, como os usos lexicais mais abstratos e os usos em expressões idiomáticas. Além disso, mudou de categoria, passando de forma lexical a gramatical. Como forma gramatical, o item aqui em estudo figurou em alguns contextos sintagmáticos.

No século XX, identificamos quatro possibilidades de formação sintagmática:

**(i) pronome + V1 + a + V2**

(“Por essa e outras sortidas suas, é que o pai se danava a ralar (...)” (*CORPUS DO PORTUGUÊS*, grifo nosso))

**(ii) V1 + pronome + a + V2**

(“Então, pelo sangue da dentada azoretado, danou-se a revidar a pares de coices (...)” (*CORPUS DO PORTUGUÊS*, grifo nosso))

**(iii) V1 + de<sup>37</sup> + pronome + V2**

(“Sofia, até então distante e calada, danou de se interessar (...)” (*CORPUS DO PORTUGUÊS*, grifo nosso))

**(iv) V1 + de + V2**

(“(...) o tempo não esperou, danou de passar depressa (...)” (*CORPUS DO PORTUGUÊS*, grifo nosso))

No século XXI, identificamos dez possibilidades sintagmáticas:

**(i) V1 + de + V2**

(“Até o facebook danou de perguntar o q tá acontecendo”. (*TWITTER*, grifo nosso))

<sup>36</sup> Os usos de DANAR serão apresentados na próxima seção.

<sup>37</sup> Cumpre advertir o leitor, neste momento, de que, embora este trabalho tenha como foco apenas a construção de DANAR com a preposição *a*, discutiremos mais adiante, ainda nesta seção, o papel da preposição na construção com DANAR para a marcação da categoria gramatical aspecto. Por isso, apresentamos aqui as construções encontradas com outras preposições diferentes de *a* (*de*, *para* e *em*).

**(ii) V1 + pra + V2**

(“Meus maridos danaram pra tuitar bem na hora que eu Tava na sala do curso lendo minha redação”. (TWITTER, grifo nosso))

**(iii) V1 + a + V2**

(“Deixa quieta senão ela vai danar a falar rsrs” (TWITTER, grifo nosso))

**(iv) pronome expletivo + V1 + em + V2**

(“Uns russos se danaram em curtir as minhas fotos do instagram agora, vooootz, rs” (TWITTER, grifo nosso))

**(v) pronome expletivo + V1 + (a) + V2**

(“Vou me danar a tweetar agora”. (TWITTER, grifo nosso))

**(vi) V1 + pronome complemento de V2 + V2**

(“eeeeita q chega o fim do ano e o povo dana me passar trote....” (TWITTER, grifo nosso))

**(vii) V1 + a + pronome complemento de V2 + V2**

(“Eu entro no banheiro meu irmão dana a me gritar”. (TWITTER, grifo nosso))

**(viii) V1 + V2**

(“cara eu e minha mae somos as mais animadas da festa a gnt dana canta”. (TWITTER, grifo nosso))

**(ix) V1 + pra + PERÍFRASE<sup>38</sup>**

(“Quero saber o paradeiro da donaa saviitski dana pra ficar conversando cmg e matando a saudade que ainda estou dela, crdo sou mto sentimental”. (TWITTER, grifo nosso))

**(x) V1 + a + PERÍFRASE**

(“amo ve o desespero da fatima bernades quando ela tem q encerrar o programa e o povo dana a querer falar um monte de coisas”. (TWITTER, grifo nosso))

(“cara, o yago dano a começa<sup>39</sup> a fala de mim cara (...)”. (TWITTER, grifo nosso)).

Verificamos que, embora tenha havido uma expansão do número de possibilidades de formação de sintagma, esse aumento deve-se à colocação do pronome em

<sup>38</sup> Este é mais um indício de que nosso objeto de estudo se trata de uma construção e não de uma perífrase, já que DANAR aparece auxiliando a marcação de aspecto de uma perífrase.

<sup>39</sup> Este exemplo confirma que DANAR, de fato, cumula os aspectos inceptivo e durativo, marca muito mais que apenas a inceptividade, já que a perífrase **Começar a falar**, com o verbo *começar*, que é prototipicamente inceptivo, não foi suficiente para expressar o que o falante desejava.

posição pré ou pós-verbal a V1 e a V2, o que diz respeito ao fenômeno linguístico da colocação dos clíticos, já bastante discutido, e que se manifesta no fenômeno aqui em estudo. Além disso, a expansão do número de construções sintáticas decorre também da variação de preposições. Assim, o que pode parecer, à primeira vista, uma expansão de contextos sintáticos é apenas resultado da presença do clítico na construção e da variação de preposições. Não podemos considerar que houve expansão de contextos se os pronomes continuam aparecendo onde sempre apareceram: antes ou após V1 e antes de V2. Neste momento, julgamos necessário dar uma pausa na discussão a respeito da expansão/redução dos contextos sintáticos para explicar a presença desses pronomes na construção.

Conforme o princípio da persistência proposto por Hopper (1991), quando uma forma é gramaticalizada, alguns vestígios da sua história original podem se refletir na sua distribuição gramatical. Assim, o pronome que aparece em algumas acepções do verbo DANAR lexical, conforme vemos em um exemplo a seguir, extraído de Houaiss (2001), aparece também como um vestígio na construção gramatical.

verbo DANAR  
 (..) transitivo direto e **pronominal**  
 causar ou sofrer qualquer espécie de mal, perda ou prejuízo; prejudicar(-se), estragar(-se)  
 Ex.: <ler no escuro pode d. a vista> <danou-**se** no espinho da roseira.> (HOUAISS, 2001, p. 217. grifo nosso)

Esse vestígio pronominal aparece na construção gramatical ora como um elemento expletivo (cf. 26), ora como um complemento de V2<sup>40</sup> da construção verbal (cf. 27).

(26) “Eita que parece que todo mundo agora **se** danou a dirigir bêbado nesse fim de ano né, porque puta merda, n vejo nada além disso nos jornais.” (TWITTER, grifo nosso)

(27) “Ai, dai meu pai e minha mãe danou a **me** falar agora pra arranjar um namorado.” (TWITTER, grifo nosso)

Voltando a discutir a expansão/redução do contexto sintático, verificamos que, em relação às preposições, apesar de *para* e *em* aparecerem na construção no século XXI, quando não apareceram no século XX, o que nos faria pensar em expansão do contexto sintático, elas

<sup>40</sup> Esse pronome complemento é argumento de V2, já que o verbo DANAR, ao se gramaticalizar, e tornar-se um auxiliar, tem sua propriedade de subcategorizar argumentos enfraquecida, o que ilustra o princípio da descategorização proposto por Hopper (1991).

aparecem na posição em que apareciam no período diacrônico anterior, entre V1 e V2. Além disso, essas preposições, assim como *a* e *de*, que já apareceram no século XX, são preposições de movimento; portanto, o contexto é o mesmo. Ademais, nossa hipótese para esse aumento de possibilidades de preposições estaria ligada a um fenômeno de encaixamento linguístico, já que a expansão das preposições é um fenômeno variacional ligado à própria preposição. Atualmente, temos muito mais variações ligadas à regência verbal do que nos séculos anteriores. Logo, essa variação pode estar, de certa forma, refletindo-se nas construções em que aparecem preposições. Esses fatos levam a crer, portanto, que não houve expansão do contexto sintático, já que as construções encontradas no século XXI são compostas dos mesmos elementos presentes nas construções encontradas no século XX, V1, pronomes, preposições e V2. Os contextos encontrados podem, então, ser estruturalmente descritos da seguinte forma: (pron) + V1DANAR + (pron) + (prep) + (pron) + V2infinitivo.

Não estamos, no entanto, fechando os olhos para o fato de que, no século XXI, V1 apareceu flexionado em mais tempos e modos verbais do que no século XX. Esse fato, contudo, não contradiz a tese de redução de contextos, visto que flexão não representa expansão de contextos, mas algo próprio da categoria verbal. O aumento das possibilidades de flexão do verbo pode ser explicado pelo fenômeno da lexicalização, que, conforme vimos na análise da frequência, desenvolve-se de forma paralela ao fenômeno da gramaticalização de DANAR. Coelho (2006) já levantara essa hipótese para explicar a expansão dos tempos e modos verbais do verbo TER.

Ainda em relação às questões sintáticas, a literatura afirma que quanto maior o grau de gramaticalização de uma construção, maior a sua coesão e, conseqüentemente, menor a possibilidade de se intercalar qualquer tipo de material entre os elementos formadores da perífrase, o que está relacionado ao parâmetro da conexidade, proposto por Lehmann (2002 [1982]). Os dados coletados e a discussão feita até aqui indicam que a construção em estudo já nasceu bastante coesa e parece estar caminhando para um estágio de coesão ainda maior. Note-se que no século XXI já encontramos construções sem a presença da preposição entre V1 e V2:

(28) “mh mae **dana encher** o saco man, eu em.” (TWITTER, grifo nosso).

É importante registrar que os dados em que a construção gramatical aparece sem a presença da preposição entre V1 e V2 restringem-se ao *corpus* do *Twitter*, o que pode ser um indício de que o fenômeno começaria na oralidade e se refletiria na escrita desse gênero que,

conforme já comentado, aproxima-se bastante da modalidade falada da língua. Entretanto, para se comprovar que, na oralidade, efetivamente, a preposição é omitida, seria necessário submeter gravações em que ocorre a construção a análises espectrográficas, mas não pudemos avançar nesse aspecto, porque trabalhamos apenas com a materialidade escrita. Outra hipótese que pode ser cogitada para explicar a perda da preposição em virtude do grau de coesão da construção diz respeito à analogia que o falante pode estabelecer com as orações encaixadas. Sabemos que, embora empregue a preposição selecionada pelo verbo em contextos de complemento simples, é muito comum a omissão dessa mesma preposição em contextos de complementação oracional ou encaixada, conforme ilustram estes exemplos:

(29) A menina tinha necessidade da atenção materna.

(30) A menina tinha necessidade (de) que a mãe lhe desse atenção.

Embora essas ocorrências representem apenas 2% das ocorrências gramaticais do *corpus* do século XXI, podemos cogitar sobre a possibilidade de essa construção estar caminhando para uma coesão sintagmática ainda maior e de que essa coesão sofra influência analógica de outros contextos em que a preposição é omitida na língua.

Vimos nesta seção que a forma nominal (V2) selecionada pelo verbo DANAR é o infinitivo apenas, o que vem a ser mais um indício a favor da restrição sintagmática de contextos. A respeito de V2, resta-nos discutir ainda sobre a contribuição desse verbo principal para a construção aqui em estudo. Sobre as funções dos elementos constituintes de uma construção, Comrie (1976) defendeu que “o primeiro verbo dá o segundo plano para algum evento, enquanto que o evento mesmo é introduzido pelo segundo verbo. O segundo verbo dá a totalidade da situação referida (...) sem referência a seu círculo temporal interno.” (p. 3, tradução nossa<sup>41</sup>). Em outras palavras, o auxiliar teria a função de marcar tempo, número, pessoa, modo, voz e aspecto, enquanto o verbo principal expressaria a carga semântica da construção, uma vez que o auxiliar esvazia-se de seu sentido lexical para assumir valores gramaticais. No entanto, assim como Coelho (2006), defendemos a tese de que ao verbo principal não compete apenas a expressão da carga semântica da construção, mas também a função de auxiliar na precisão da categoria aspectual. Nossos dados, como os de Coelho (2006), evidenciam que V2 também está relacionado à expressão do aspecto verbal

---

<sup>41</sup>“ [...] the first verb presents the background to some event, while that the event itself is introduced by the second verb. The second verb presents the totality of the situation referred to (...) without reference to its internal temporal constituency.” (COMRIE, 1976, p. 3).

da construção. A co-ocorrência de DANAR<sub>fin</sub> apenas com V2 no infinitivo nos sugere isso<sup>42</sup>. Se V2 não fosse relevante para a marcação do aspecto, era de se esperar que na construção V1<sub>DANAR</sub> + (pron) + (prep) + V2<sub>infinitivo</sub>, que atualiza o aspecto inceptivo com prolongamento da ação, V2 pudesse aparecer nas formas de gerúndio e de particípio, formas possíveis para a posição de V2 de várias construções. No entanto, isso não ocorre, pois essas duas formas nominais carregam noções que causariam incompatibilidade semântica com a expressão de aspecto inceptivo com prolongamento da ação. Câmara Júnior (1998 [1969]) explica essas noções. Segundo o autor, o infinitivo é a

forma que de maneira mais ampla e mais vaga resume a sua significação, sem aplicação das noções gramaticais de tempo, aspecto ou modo. Entre o gerúndio e o particípio há essencialmente uma oposição de aspecto: o gerúndio é ‘imperfeito’ (processo inconcluso), ao passo que o particípio é de aspecto conclusivo ou perfeito. (p. 102-103)

Levando-se em consideração essa oposição aspectual das formas nominais, é possível que a construção que expressa o início de uma ação e seu prolongamento ao longo do tempo não tenha um V2 gerúndio porque, embora essa forma nominal seja a marca por excelência do prolongamento da duração da ação, ela carrega também a ideia de um processo inconcluso, o que é incompatível com a expressão aspectual da construção aqui em estudo, conforme explicaremos agora. Em

(31) “E pra melhorar a situação, o cachorro do vizinho **danou a latir**.”  
(*TWITTER*, grifo nosso).

temos a ideia de que o cachorro do vizinho começou a latir e que essa ação de latir durou por um período de tempo, mas não de forma inconclusa. Prevê-se, sim, um fim para ação, o qual não é determinado, mas pressuposto.

É importante ressaltar que o prolongamento da ação no tempo, que aqui descrevemos, pode-se dar pela continuação, sem interrupção, de uma ação que se iniciou (aspecto durativo) ou pela repetição contínua de uma ação que se iniciou (aspecto iterativo).

---

<sup>42</sup> Além disso, é preciso lembrar que, conforme Coelho (2006), a forma nominal é selecionada pelo auxiliar dependendo da sua transitividade. O verbo DANAR é transitivo direto, exigindo, portanto, um SN. O gerúndio não se prestaria a isso, enquanto o infinitivo e o particípio sim. No entanto, como temos a presença da preposição, ela ajuda na seleção do infinitivo.

Em

(32) “nossa meu juelho **dano a duer**” (*TWITTER*, grifo nosso),

a ação de doer pode ter se prolongado no tempo sem interrupção (aspecto durativo) ou a ação de doer pode ter se prolongado no tempo começando, parando e recomeçando várias vezes (aspecto iterativo). Em alguns casos, no entanto, só é possível uma das interpretações. Em

(33) “Não tem nada pra fazer aqui no carro, então **dano a tirar** foto kkkk” (*TWITTER*, grifo nosso),

o prolongamento da ação de tirar foto se dá por iteração. A ação de tirar foto se repete e, conseqüentemente, dura no tempo.

No exemplo (12), rerepresentado aqui com nova numeração para a comodidade do leitor,

(34) “hj **danou a chover** quando a gente tava vindo embora”. (*TWITTER*, grifo nosso)

o prolongamento da ação parece não se dar por repetição, mas pela duração da chuva ao longo do tempo ou pela duração do percurso até a casa.

Uma vez que estamos falando do aspecto durativo, antes de voltarmos a falar das formas nominais possíveis para a posição de V2, é importante registrarmos que – se o verbo DANAR se gramaticaliza e atualiza, além do aspecto inceptivo, o prolongamento da ação no tempo (a duração) e, conforme Travaglia (1985), é praticamente de regra que os verbos atélicos indicam situações durativas – DANAR se combinou, na maioria das vezes, com V2 atélicos. Além disso, mesmo quando o V2 da construção com DANAR não é um verbo atélico, em combinação com o verbo DANAR, temos uma situação que implica uma frase com o verbo no pretérito perfeito do indicativo, como explicita o teste para verificar se um verbo é télico ou atélico. Vejamos. Se alguém disser

(35) Estou fazendo bigode<sup>43</sup>.

---

<sup>43</sup> Exemplo criado para ser contraposto à ocorrência do *corpus*.

não significa que fez o bigode, mas que está no processo de fazer o bigode. Mas, na ocorrência do nosso *corpus* do Twitter, em combinação com o verbo DANAR, o mesmo verbo *fazer bigode* implica que algum bigode já foi feito, vejamos:

(36) “aaaaah **danei a fazer bigode** hehe, alguém quer que eu faça um! Sei lá to afim de fazer mais hsuahsuas” (TWITTER, grifo nosso)

Se alguém danou a fazer bigode, fez bigode. Vemos que o que está marcando a telicidade ou a atelicidade da situação não é o verbo *fazer*, mas a combinação entre os verbos na construção.

Voltando a analisar as restrições das formas nominais possíveis para a posição de V2, o particípio também não seria compatível com essa ideia de início e de prolongamento da ação no tempo, pois, ao contrário do gerúndio, é de aspecto conclusivo e perfeito, noções que também não estão atualizadas na construção aqui em estudo. Quando o falante diz

(37) “esses bichos **danaram a latir**, plar, cacarejar... td pra atrapalhar meu sono da beleza”. (TWITTER, grifo nosso),

ele não nos parece marcar a conclusão da ação. No momento da enunciação, não temos um processo visto de forma completa, global. Como já dissemos, a conclusão da ação é apenas pressuposta, mas não está explícita. Como o fim da ação não está explicitamente marcado pelo falante que usa  $V1_{DANAR} + (\text{pron}) + (\text{prep}) + V2_{\text{infinitivo}}$ , não é possível a presença de particípio em V2. Se a construção é neutra em relação à expressão exata do fim da ação que se iniciou e se prolongou ao longo do tempo, é mesmo de se esperar que em V2 apareça a forma nominal mais vaga, que não dispõe nem da noção de perfectividade nem da noção de imperfectividade, o infinitivo. Vemos, portanto, como V2 está relacionado à precisão da categoria aspectual.

Se o infinitivo não dispõe da noção gramatical de aspecto e, conforme já demonstrado, a forma nominal (V2) também auxilia na marcação do aspecto, vamos agora argumentar a favor da tese de que a preposição da construção se junta a V2 para auxiliar na expressão dessa categoria. Conforme Kayne (*apud* Coelho, 2006) as preposições *de* – no Francês – e *di* – no Italiano – teriam o estatuto de complementizadores nas perífrases com infinitivo para marcar tempo e aspecto, já que essa forma nominal é destituída dessas funções

gramaticais. Os nossos dados mostram que, na construção aqui em estudo, as preposições teriam essa mesma função de complementadoras do infinitivo. Eles evidenciaram que a preposição é tão importante na caracterização do aspecto que, embora haja uma variação paradigmática na posição da preposição, uma vez que nessa posição podem aparecer *a*, *de*, *para* e *em*, todas essas preposições estão relacionadas à noção de movimento, noção que também é subjacente ao verbo DANAR, conforme descreveremos na seção posterior, e que acreditamos ser o gatilho para a marcação do aspecto inceptivo com prolongamento da ação.

Antes, porém, de passarmos a essa discussão, surge a questão do que permitiria o desaparecimento dessa preposição nas construções aqui em estudo, haja vista que a preposição é também importante para a expressão do aspecto. Nossa hipótese é que estaríamos diante de um caso de amalgamento de formas, em que uma forma gramatical é suprimida (neste caso a preposição) e a outra (neste caso DANA), conforme Castilho (2013)<sup>44</sup>, passaria a funcionar como uma espécie de prefixo. Conforme mostraremos a seguir, na análise dos aspectos semânticos do verbo, V1 também carrega a noção de movimento presente nas preposições, o que provavelmente possibilita a queda dessa preposição, visto que, como no caso da concordância, o falante tende a eliminar tudo o que lhe parece redundante. Veremos, então, na seção seguinte, como a noção de movimento presente no verbo DANAR, resultado de um processo metafórico que envolve algumas questões cognitivas, contribui para a atualização do aspecto inceptivo com prolongamento da ação.

### 3.3 ANÁLISE DE ASPECTOS SEMÂNTICOS DO VERBO DANAR

Mostramos, na seção anterior, a importância de cada elemento da construção para a marcação do aspecto inceptivo com prolongamento da ação. Assumimos, então, conforme apresenta Traugott (2008), citando Lehmann (1992), que “a gramaticalização não atinge apenas uma palavra ou morfema [...] mas toda a construção formada pelas relações sintagmáticas dos elementos em questão<sup>45</sup>.” (p. 24, tradução nossa). Assim, em decorrência das relações sintagmáticas estabelecidas entre V1 + (pronome) + (preposição) + V2, o verbo

<sup>44</sup> Em palestra proferida na Universidade Federal de Minas Gerais em 10 de agosto de 2013.

<sup>45</sup> “Grammaticalization does not merely seize a word or morpheme [...] but the whole construction formed by the syntagmatic relation of the elements in question.” (LEHMANN, 1992, apud TRAUGOTT, 2008, p. 24)

DANAR se gramaticaliza, tornando-se uma construção, por meio da qual o falante expressa o aspecto inceptivo com prolongamento da ação verbal.

Para assumir tal função, acreditamos que DANAR tenha passado por um processo metafórico de abstração semântica, o que acarretou a perda dos sentidos concretos até ele chegar ao uso gramatical. A possibilidade de DANAR figurar em diversos usos seria consequência de um processo metafórico cognitivo que atua sobre esse verbo. E acreditamos que tal processo metafórico cognitivo seja o desencadeador da tradução do aspecto inceptivo com prolongamento da ação na construção aqui em estudo. Segundo Sigiliano (2012), a motivação cognitiva para empregar verbos auxiliares (V1) não prototípicos em construções inceptivas é a metáfora do movimento. Essa metáfora provém dos chamados esquemas imagéticos (ou esquemas de imagem), que são esquemas sensório-motores, os quais emergem a partir da interação entre corpo e ambiente e são responsáveis por muitas de nossas expressões. Como em  $V1_{\text{DANAR}} + (\text{pron}) + (\text{prep}) + V2_{\text{infinitivo}}$  temos mais de uma noção aspectual envolvida (inceptividade + prolongamento da ação (duração)), defendemos que a motivação cognitiva para empregar essa construção como marcadora desses aspectos estaria relacionada a metáforas ligadas também a mais de um esquema imagético, os quais seriam, respectivamente, movimento e força. Acreditamos também que essas metáforas já se faziam presentes nos sentidos concretos de DANAR, como veremos a seguir, sendo, portanto, resquícios semânticos da forma concreta, conforme princípio da persistência proposto por Hopper (1991). As metáforas que estariam relacionadas com DANAR são as seguintes:

- a) “Mudança é movimento” (KÖVECSES, p. 370, 2010, tradução nossa)<sup>46</sup>
- b) “Causas são forças” (KÖVECSES, p. 370, 2010, tradução nossa)<sup>47</sup>

Passamos agora a analisar a presença dessas metáforas nos sentidos concretos de DANAR para demonstrarmos o fenômeno da persistência semântica, conforme estamos defendendo. Em relação ao sentido concreto (i) *prejudicar*, presente no trecho a seguir, vejamos:

(38) “Horível profanação! Escândalo inaudito, e que podia **danar** um cartório sempre conceituado entre os mais graves!” (*CORPUS DO PORTUGUÊS*, século XIX, grifo nosso).

<sup>46</sup> “Change is motion.” (KÖVECSES, p. 370, 2010)

<sup>47</sup> “Causes are forces .” (KÖVECSES, p. 370, 2010)

Uma horrível profanação ou um escândalo inaudito são causas (forças) que poderiam danar/prejudicar aquele cartório sempre conceituado. Vemos, portanto, que, se há prejuízo, há uma mudança (movimento) no cartório.

Quanto ao sentido concreto (ii) *irritar*, vejamos:

(39) “Passou a hora do almoço, chegou a hora do jantar, entraram e saíram marinheiros, a sineta badalou novas baixas, tocou meio-dia, e nada! nem sinal de Aleixo, nem sombra dele! - Era mesmo para uma pessoa **danar**! Se não quisesse ir, dissesse!” (*CORPUS DO PORTUGUÊS*, século XX, grifo nosso).

Vemos que o não aparecimento de Aleixo é a causa (força) para a pessoa danar/irritar. A irritação provoca uma mudança de estado (movimento) em quem a sente, passa-se de tranquilo para irritado.

Vejamos agora como esses esquemas imagéticos e metáforas conceptuais presentes nos sentidos concretos de DANAR também se apresentam na construção gramatical por nós estudada. Acreditamos, portanto, que são esses esquemas que já se encontravam subjacentes em DANAR concreto que permitiram que esse verbo, não prototípico para marcação de aspecto, pudesse atualizar essa categoria gramatical. Nos contextos gramaticais, como em (40)

(40) “fui abrir o portão da rosimar e fui me torcendo toda ela até assustou e **danou a rir**, cólica não é de Deus vei”. (*TWITTER*, grifo nosso)

as noções de movimento e de força são mais abstratas. Poderíamos até pensar: mas onde estão as noções de movimento e de força nesse contexto? Um indício para a resposta estaria na clássica metáfora *tempo é espaço* (LAKOFF e JOHNSON, 2002), a qual implica que deslocamento pelo espaço é deslocamento no eixo do tempo. Assim, é possível notar a noção de movimento no sentido gramatical de DANAR: ele marca o início do deslocamento/movimento da ação no tempo, metaforizado como espaço. Essa relação metafórica entre tempo e espaço é também proposta por Heine et al (1991) no seguinte cline, que representa o *continuum* de expansão metafórica:

## PESSOA &gt; OBJETO &gt; ATIVIDADE &gt; ESPAÇO &gt; TEMPO &gt; QUALIDADE

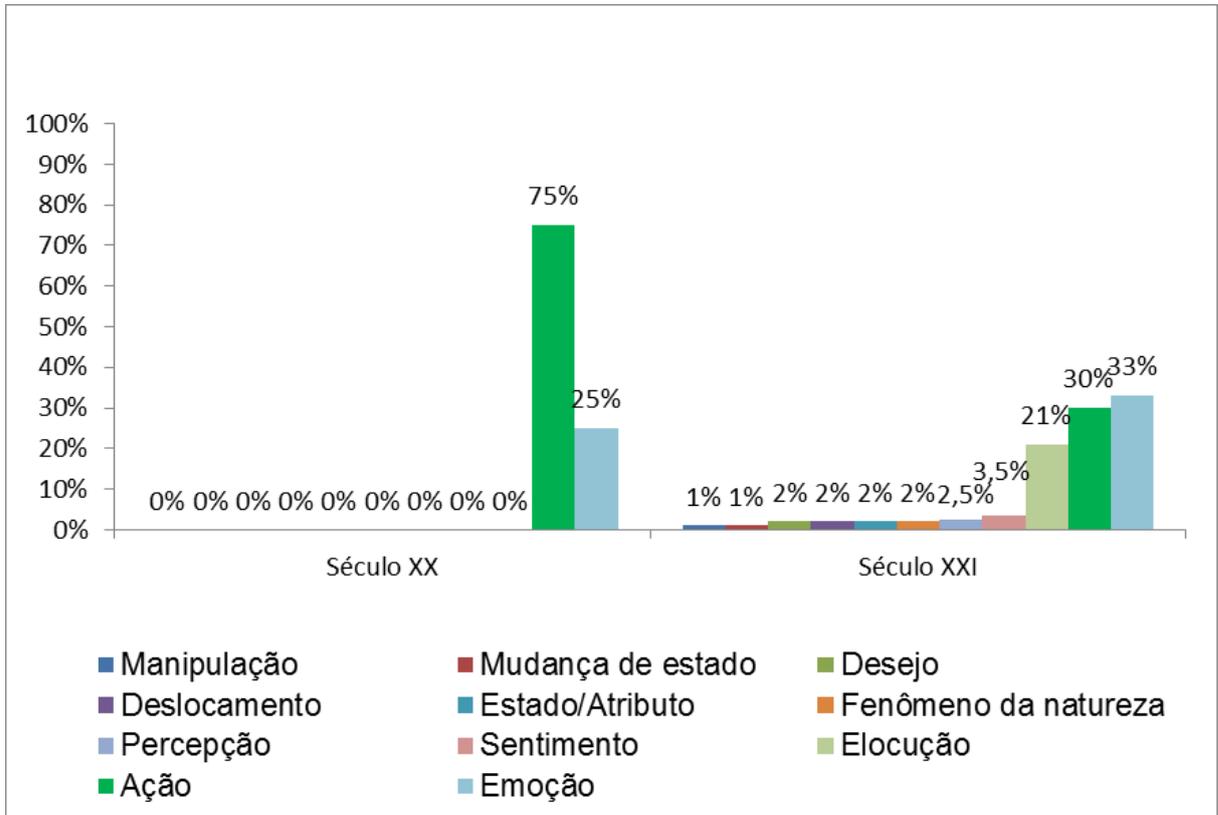
E a noção de força? A adoção desse esquema imagético permite trazer neste trabalho uma contribuição em relação ao trabalho de Travaglia (2010). Nesse seu trabalho, o linguista afirma que DANAR marca o aspecto inceptivo e coloca esse verbo no rol dos *concorrentes*<sup>48</sup> do verbo *começar*, prototipicamente inceptivo. Acreditamos, no entanto, que DANAR marca mais do que apenas a inceptividade da ação. Segundo estamos defendendo, DANAR gramatical, integrante da construção  $V1_{\text{DANAR}} + (\text{pron}) + (\text{prep}) + V2_{\text{infinitivo}}$ , marca que a ação começou e se prolongou por um período de tempo, sendo que esse prolongamento da ação pode se dar por duração ou por iteração, conforme demonstramos na seção anterior. No exemplo (40), a nosso ver, a pessoa não quer expressar simplesmente que a outra começou a rir, mas que começou a rir e que essa ação se prolongou por um período de tempo. Portanto, além do início da ação, há uma continuidade da ação no eixo do tempo, por onde essa ação metaforicamente vai se deslocar. Acreditamos que esse prolongamento da ação, não descrito por Travaglia (2010), é possível devido à noção de força, que subjaz aos sentidos de DANAR. É mesmo de se esperar que um movimento (deslocamento) com força tenha uma duração maior. Em outras palavras, é como se o esquema imagético força, presente em todos os sentidos do verbo DANAR, impulsionasse e permitisse a ação expressa pela construção a se prolongar no tempo.

Essas questões cognitivas relacionadas ao verbo DANAR ajudam ainda a entender a seleção de V2 da construção aqui em estudo. Os  $V2_{\text{inf}}$  que co-ocorrem com  $\text{DANAR}_{\text{fin}}$  foram analisados e classificados conforme o quadro proposto por Sigiliano (2011) para a classificação semântica dos verbos. O resultado pode ser visto no gráfico a seguir:

---

<sup>48</sup> Entendemos esse termo *concorrente* no sentido laboviano.

GRÁFICO 2  
Tipos semânticos de V2



Fonte: Dados coletados

Vemos, pelos dados dispostos no gráfico apresentado, que tanto no século XX, quanto no século XXI, prevalecem em V2 os verbos de ação e de emoção<sup>49</sup>, o que pode ser explicado pelas metáforas (a) e (b) a seguir, as quais estão relacionadas aos esquemas cognitivos de movimento e de força subjacentes ao verbo DANAR, conforme já descrevemos.

(a) “**Ação** é **movimento**.” (KÖVECSES, p. 185, 2010, tradução nossa, grifo nosso)<sup>50</sup>

(b) “**Emoção** é uma **força** natural.” (KÖVECSES, p. 108, 2010, tradução nossa, grifo nosso)<sup>51</sup>

Nesta seção em que tratamos dos aspectos semânticos, não podemos deixar de tratar da polissemia do item. Dentre as modificações sofridas por um item em processo de

<sup>49</sup> A ideia de emoção também está bem relacionada ao sentido concreto “irritar”. A irritação/raiva é uma emoção.

<sup>50</sup> “Action is motion.” (KÖVECSES, p. 185, 2010)

<sup>51</sup> “Emotion is a natural force.” (KÖVECSES, p. 108, 2010)

gramaticalização, a primeira delas está relacionada às alterações semânticas. Nesse processo de mudança, o item vai perdendo conteúdo nocional, incorporando conteúdo gramatical e tornando-se polissêmico, à medida que passa a ser usado com novos sentidos. Apresentaremos, no quadro sinótico a seguir, os sentidos de DANAR identificados em nosso *corpus* ao longo dos três séculos.

QUADRO 4  
Sentidos do verbo DANAR identificados no *corpus*.

(Continua)

SENTIDOS DO VERBO DANAR				
CLASSIFICAÇÃO	SENTIDO/EXEMPLO DO <i>CORPUS</i>	SÉCULO		
		XIX	XX	XXI
CONCRETO	<b>Prejudicar</b> (CUNHA, 2010) / Mulher que me perdeste na vida e na morte, mulher que me <b>danaste</b> em vida e me arruinaste na morte (...)	X	X	X
	<b>Irritar</b> (CUNHA, 2010)/ Mas ele <b>danou-se</b> foi com a grandíssima da estúpida trazer pra frente a sua defunta mulher, dizendo que ele a matara de desgostos por amor de umas certas coisas	X	X	X
	<b>Causar dano, perda; machucar.</b> / (...) tudo fora metido ali, para ferir, para <b>danar</b> , para moer.	X		
	<b>Estragar</b> (BUENO, 1974)/ Tava demorando.. É só elogiar que <b>dana</b> tudo :P			X
ABSTRATO Lexical	<b>Ir embora sem rumo, fugir apressadamente; desaparecer.</b> (HOUAISS, 2001)/ Aff não vejo a hora de entrar no carro e me <b>danar</b> pra a praia...		X	X
	<b>Atirar ou meter (algo) com ímpeto e decisão ou sem atenção ou cuidado; arremessar.</b> (HOUAISS,XXXX)/ Quando passa comercial de Violleta eu fico em tempo de <b>danar</b> a tv no chão pq ô coisa irritante			X
	<b>Bater (algo) em/</b> Débora acabou de danar a cabeça na parede !!!!!			X
	<b>Fazer bagunça, algazarra, festa; agitar, extravasar.</b> / to santa esse mês, me <b>danei</b> dms nas férias kkk/			X
	8) <b>Xingar, zangar (com), ficar bravo (com).</b> / Pois é, mais depois eu vou danar com ele, odeio que as pessoas coloquem palavras na minha boca.			X
	10) <b>Cismar, desconfiar.</b> / pronto agora meu pai <b>danou</b> que eu fumo.			X

QUADRO 4  
Sentidos do verbo DANAR identificados no *corpus*.

(Conclusão)

SENTIDOS DO VERBO DANAR				
CLASSIFICAÇÃO	SENTIDO/EXEMPLO DO <i>CORPUS</i>	SÉCULO		
		XIX	XX	XXI
ABSTRATO Expressão idiomática	<b>Vai (s)(t)e danar:</b> Usada para desejar o mal à outra pessoa, como se fosse sinônimo da conhecida expressão “Vai para o inferno”./ Fui andar de quadri aí o homem veio reclamar que a velocidade tava alta... Vai te <b>danar</b> , o quadriciclo é meu.		X	X
	<b>Que se dane:</b> Usada para desejar o mal à outra pessoa, como se fosse sinônimo da conhecida expressão/ <u>@SKYresponde</u> já informei essa porcaria! Quero que se <b>danem!</b> INCOMPETENTES!		X	X
	<b>Danou-se:</b> Usada para expressar que algo está perdido, sem solução. / Agora... se a pessoa não vai com a sua cara msm ..... aí <b>danou-se</b> .		X	X
	<b>Pra danar:</b> Usada como sinônimo de “muito”. / Minha orelha tá doendo pra danar. Não consigo nem por óculos.			X
	<b>“Dan(a) (em)-se”:</b> Usada para desejar o mal à outra pessoa, como se fosse sinônimo da conhecida expressão “Vai para o inferno”. / naum gosto de novelas novela ja basta nossa vida entaum <b>danem se</b> vcs q tentam manipular a mente das pessoas.			X
GRAMATICAL	<b>V1<sub>DANAR</sub> + (pron) + (prep) + V2<sub>infinitivo</sub>.</b> Marca o aspecto inceptivo cumulado com a ideia de prolongamento da ação./ Agora quando eu assistir o filme “2012” vou <b>danar</b> a rir!		X	X

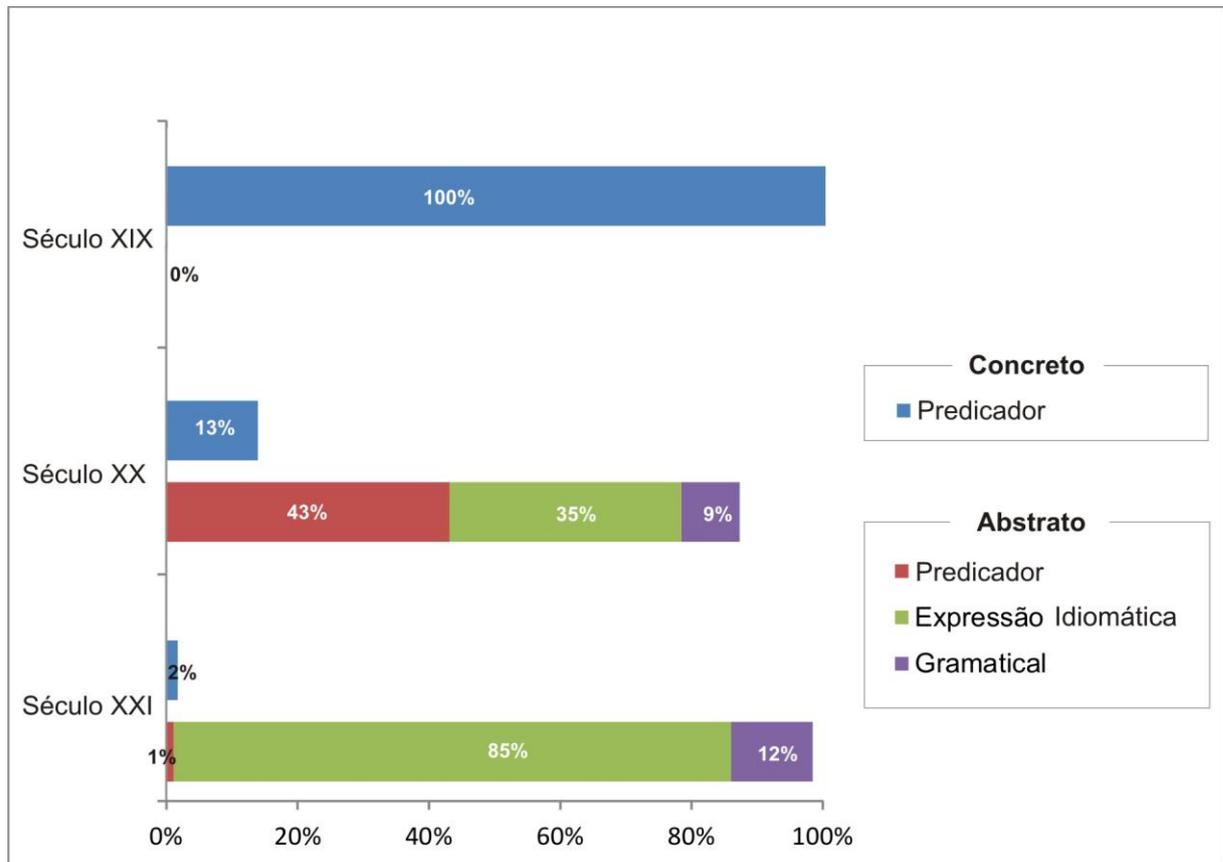
Fonte: Dados coletados

O quadro permite observar a expansão dos sentidos ao longo dos três séculos estudados. Partimos do pressuposto de que, diante desses vários sentidos apresentados, não estamos diante de um caso de homonímia, mas de polissemia, uma vez que acreditamos que todas as formas apresentadas no quadro anterior derivam de uma mesma origem etimológica. Vemos, no processo de mudança que DANAR vem sofrendo, a incorporação de novos semas no nível gramatical e no lexical, o que novamente nos confirma que gramaticalização e lexicalização são fenômenos linguísticos que se processam num *continuum* paralelo.

A porcentagem dos sentidos concretos e abstratos de cada século aparece no gráfico abaixo:

GRÁFICO 3

Análise diacrônica da frequência de DANAR concreto/abstrato



Fonte: Dados coletados

A análise dos dados e dos exemplos apresentados neste capítulo mostrou que a abstração do item, sua extensão semântica e o rearranjo sintático são indícios da gramaticalização de DANAR, fenômeno que possibilitou que essa forma verbal integrasse a construção  $V1_{\text{DANAR}} + (\text{pron}) + (\text{prep}) + V2_{\text{infinitivo}}$  para marcar, no Português Brasileiro, o aspecto inceptivo com prolongamento da ação.

Resta ainda mostrar como os princípios de Hopper (1991), os quais se aplicam a processos de gramaticalização em seus primeiros estágios, atualizam-se em nossos dados. Para isso, apresentaremos ocorrências do *corpus*.

Conforme prevê o princípio da *estratificação*, em um mesmo domínio funcional, podem surgir camadas novas, as quais passam a coexistir com as camadas antigas, sendo que a substituição das equivalentes preexistentes não é imediata ou pode até mesmo não vir a acontecer, o que resulta na coexistência de camadas antigas e novas em um mesmo domínio. Ou seja, para a função de marcador de aspecto inceptivo com prolongamento da ação, teríamos mais de uma forma coexistindo com  $V1_{\text{DANAR}} + (\text{pron}) + (\text{prep}) + V2_{\text{infinitivo}}$ . Coelho

(2013) fez um levantamento da frequência de construções marcadoras de aspecto cumulativo no *Corpus do Português* e constatou que, no século XX, juntamente com  $V1_{\text{DANAR}} + (\text{pron}) + (\text{prep}) + V2_{\text{infinitivo}}$ , coexistem para marcação de aspecto inceptivo as seguintes construções:  $V1_{\text{DESATAR}} + (\text{a}) + V2_{\text{infinitivo}}$ ,  $V1_{\text{DESANDAR}} + (\text{a}) + V2_{\text{infinitivo}}$ ,  $V1_{\text{DAR}} + \text{p(a)ra} + V2_{\text{infinitivo}}$  e  $V1_{\text{AGARRAR}} + (\text{a}) + V2_{\text{infinitivo}}$ . Além disso, a construção  $V1_{\text{DESATAR}} + (\text{a}) + V2_{\text{infinitivo}}$  já aparece no século XIX, sendo uma construção mais antiga que as demais para a marcação do aspecto inceptivo com prolongamento da ação. Esses fatos corroboram o princípio da *estratificação* de Hopper, (1991) uma vez que temos outras construções coexistindo com  $V1_{\text{DANAR}} + (\text{pron}) + (\text{prep}) + V2_{\text{infinitivo}}$  e que elas não substituem a mais antiga  $V1_{\text{DESATAR}} + (\text{a}) + V2_{\text{infinitivo}}$ , que também aparece no século XXI, conforme verificamos numa consulta ao *Twitter*:



FIGURA 07 – Construções para marcação de aspecto inceptivo localizadas no *Twitter*  
Fonte: *Twitter*

O princípio da *divergência* diz que a unidade lexical que dá origem ao processo de gramaticalização pode preservar as suas propriedades originais, mantendo-se na língua também como um item autônomo. Pudemos observar, no quadro que apresenta os sentidos do verbo *DANAR* localizados no *corpus*, que ainda no século XXI o sentido etimológico *prejudicar*, por exemplo, coexiste com a construção gramatical, o que confirma esse princípio.

O princípio da *especialização* relaciona-se com a diminuição de opções para se codificar determinada função, à medida que uma das opções passa a ser mais prototípica,

porque se gramaticalizou mais. Como consequência, há um aumento na frequência da forma mais adiantada no processo de gramaticalização. Uma consulta ao *Twitter* em busca das construções elencadas por Coelho (2013)<sup>52</sup> nos mostrou que, entre aquelas cinco que aparecem no século XX, apenas  $V1_{\text{DANAR}} + (\text{pron}) + (\text{prep}) + V2_{\text{infinitivo}}$ ,  $V1_{\text{DESANDAR}} + (\text{a}) + V2_{\text{infinitivo}}$  e  $V1_{\text{DESATAR}} + (\text{a}) + V2_{\text{infinitivo}}$  (a mais antiga delas) aparecem no século XXI, sendo que localizamos 113 com DANAR, 45 com DESANDAR e 4 com DESATAR (a mais antiga). Isso confirma o princípio da *especialização*, já que tivemos no século XXI a diminuição de opções para se codificar o aspecto inceptivo com prolongamento da ação e o aumento da frequência da construção com DANAR, o que sinaliza ser  $V1_{\text{DANAR}} + (\text{pron}) + (\text{prep}) + V2_{\text{infinitivo}}$  a construção mais adiantada no processo de gramaticalização.

Segundo prevê o princípio da *persistência*, quando uma forma é submetida à gramaticalização, alguns vestígios da sua história original podem ser refletidos na sua distribuição gramatical. Discutimos esse princípio quando mostramos a permanência do pronome existente em algumas acepções lexicais de DANAR na construção gramatical e, por esse motivo, vamos nos abster de retomá-lo aqui.

Para finalizar, o princípio da *descategorização* defende que existe uma tendência de a forma em gramaticalização perder ou neutralizar as marcas morfológicas e as características sintáticas que são próprias da forma plena. Enquanto a forma plena pode aparecer em vários tempos e modos, já vimos que DANAR na construção gramatical apareceu apenas no pretérito perfeito.

Vemos, portanto, que todos os princípios propostos por Hopper (1991) para se verificar os primeiros estágios do processo de mudança de um item são comprovados em nossos dados, o que atesta a gramaticalização de nosso objeto de estudo e confirma nossa hipótese inicial.

Nesse processo de inovação linguística, chamou atenção, por não ser esperado, o fato de  $V1_{\text{DANAR}}$ , no século XX, quando passa a integrar a construção gramatical, ocorrer predominantemente no pretérito perfeito.

Também no século XXI, esse tempo verbal em  $V1_{\text{DANAR}}$  é predominante. Esse fato não é esperado, pois, como demonstram alguns estudos de Fleischman (1982) e Kurylowicz (1965), citados por Vitral (2012), são do tempo presente as formas recrutadas para a formação de construções inovadoras. Esse fenômeno é chamado por Fleischman (1982,

---

<sup>52</sup> O trabalho de Coelho (2013) registra a frequência das construções somente até o século XX. Para verificar quais construções elencadas por Coelho (op. cit.) aparecem no século XXI, recorreremos novamente ao *Twitter*.

*apud* VITRAL, 2012) de *relevância do presente* quando ela analisa a formação do futuro românico. Segundo essa autora, formas inovadoras para a expressão do futuro são criadas com um auxiliar no presente mais uma forma nominal do verbo. É o que ocorre com a construção do Português composta pelo auxiliar *ir*, no tempo presente, mais um verbo principal, na forma infinitiva:

(41) Eu **you** fazer uma boa prova.

Conforme demonstra Vitral (2012) por meio do estudo de Kurilowicz (1965), o fenômeno da *relevância do presente* é também válido para a explicação da formação do tempo passado. Kurylowicz (*apud* VITRAL, 2012) demonstra a formação do *presente perfect*, tempo que expressa o passado, lançando mão de um V1 no presente, *have*. Vitral (2012) ilustra o fenômeno com o seguinte exemplo, que demonstra a estrutura que serviu como gatilho (a) para que *have* pudesse se tornar um auxiliar marcador de passado (b):

(42) a. He has the book written.

b. He has written the book. (VITRAL, 2012, p.73 )

O fenômeno da *relevância do presente*, atuante nos processos de inovação linguística demonstrados, não ocorreu, contudo, na formação da construção aqui em estudo, o que nos impele a buscar uma justificativa. Vitral e Coelho (2011) também verificaram a predominância do pretérito perfeito em seus dados e explicaram tal fato com base na hipótese de que

é o presente que permite fazer a associação entre a teia dos eventos e a situação da enunciação definida pela relação entre o falante e o ouvinte; e o falante, ao tomar a palavra e visar ao outro, ou ao interlocutor, está sempre no ponto *agora* do eixo do tempo, relacionando tudo o que enuncia ao seu ponto de vista como sujeito. (VITRAL e COELHO, 2011, p.194, itálico dos autores)

Para o desenvolvimento dessa hipótese, tomou-se por base a noção de subjetificação estabelecida por Traugott e Dasher (2005). Vitral e Coelho (2011), levando em consideração que, nas construções estudadas, o tempo da ação, em virtude do aspecto cumulativo da construção, prolonga-se em direção ao tempo presente, o que inclui o sujeito da enunciação e o ponto *agora* do eixo do tempo, defendem que não há ruptura total com o fenômeno da *relevância do presente*. No entanto, alguns de nossos dados mostraram que nem

sempre o tempo da ação expressa por V1<sub>DANAR</sub> prolonga-se em direção ao tempo presente. Muitas vezes a ação começa, prolonga-se e termina no passado. Apenas a enunciação é feita no presente, mas isso sempre o é, independentemente do tempo que se quer expressar, o que não se configura, a nosso ver, um forte argumento para se defender a *relevância do presente* nas construções estudadas por esses autores, entre elas V1<sub>DANAR</sub> + (pron) + (prep) + V2<sub>infinitivo</sub>, nosso objeto de estudo. Em (43), a seguir, por exemplo, a ação começa, prolonga-se e termina no passado; não há, portanto, o prolongamento do tempo da ação em direção ao tempo presente.

(43) “fui numa numa aula que é de economia doméstica e eu me **danei a dar** uma receita - eu digo " bom - já falei sobre o Brasil agora vou dar uma receita típica " - aí disse " óh pegue a galinha viva - arranque as penas do pescoço dela - bata ((ri)) com dois dedos e passe a faca e corte - e junte o san::gue " a essa altura o povo já tava morto de nojo ((rindo))” (*CORPUS DO PORTUGUÊS*, grifo nosso)

Fica claro que a ação de dar uma receita de forma prolongada ficou no passado e não se prolongou até o tempo presente. (43) é uma ocorrência do século XX, no qual 100% das ocorrências gramaticais estão no passado, 83% (5 de 6 ocorrências) aparecem no pretérito perfeito e 17% (1 de 6 ocorrências) no pretérito mais que perfeito. No século XX, em todas as ocorrências, a ação verbal começa, prolonga-se e termina no passado.<sup>53</sup> No século XXI, 64% das ocorrências (72 das 113 ocorrências) estão no passado, todas elas no pretérito perfeito. Diferentemente do que ocorre no século XX, no século XXI, há ocorrências em que a ação se prolonga até o tempo presente. Entre as ocorrências de pretérito perfeito, 20% (15 de 72 ocorrências) expressam o prolongamento do tempo da ação em direção ao tempo presente, contudo isso não se dá pela forma no pretérito perfeito, mas sim pela presença de um advérbio que exprime tempo presente. Desses 20%, 19% são com o advérbio *agora*, como demonstram alguns exemplos a seguir:

(44) “**Agora** ela **danou a falar**.” (*TWITTER*, grifo nosso).

(45) “Meu pé **danou a coçar agora**.” (*TWITTER*, grifo nosso).

(46) “O povo **danou a me chamar** de vida **agr** ou será que eu só comecei a reparar agora?” (*TWITTER*, grifo nosso).

<sup>53</sup> É importante lembrar, conforme já explicado, que esse término não é marcado de forma exata, mas pressuposto.

(47) “**Danei a falar** francês **agr** se eu me embreagar ngm vai entender nada, espanhol, português, inglês, francês tudo misturado. C'est bizarre.” (TWITTER, grifo nosso).

Apenas 1% das ocorrências é com o advérbio *hoje*:

(48) “Ontem e **hoje danei a participar** de várias promoções aqui no face:) Aproveitando a maré boa quem sabe ganhou outros.” (TWITTER, grifo nosso)

Em 6% das construções (4 de 72 ocorrências) com pretérito perfeito, percebemos, pelo contexto, que a ação também se prolonga até o presente:

(49) “só pq está acabando o ano, o tempo se **danou a passar** rápido”. (TWITTER, grifo nosso)

Em (49) acima, embora DANAR esteja no passado, sabemos que o tempo passa, necessariamente até chegar ao presente.

No entanto, na maioria das ocorrências com VI<sub>DANAR</sub> no pretérito perfeito, isto é, em 74% delas (53 de 72 ocorrências), a ação verbal começa, prolonga-se e termina no passado. A grande maioria das nossas ocorrências, portanto, romperiam sim, ao contrário do que defendem Vitral e Coelho (2011), com o fenômeno da *relevância do presente*.

Os referidos autores, ainda na procura de uma explicação para o emprego preferencial do pretérito perfeito, tocam num ponto chave, a nosso ver. Para eles, “há de se considerar o fato de que o aspecto [...] [categoria atualizada pela construção aqui em estudo] é uma categoria não dêitica e, como tal, não deve se ancorar no eixo EU-AQUI-AGORA da enunciação”. (VITRAL e COELHO, 2011, p. 194).

De acordo com a literatura acerca dos estudos sobre aspecto (COMRIE (1976), TRAVAGLIA (1985)), tempo e aspecto são ambas categorias temporais, mas diferem-se, pois o tempo é dêítico, situa o momento da ação em relação ao momento da fala, e o aspecto é não-dêítico, refere-se à situação em si, ao tempo interno da ação. Diante disso, se é o tempo a categoria que situa a ação em relação ao momento da fala, o tempo presente – que é o *agora* da enunciação, o momento da fala – estaria mais relacionado à categoria verbal tempo, o que justifica o fenômeno da *relevância do presente* ser atuante para a formação de construções que expressam tempo e não atuante na construção aqui em estudo, que expressa aspecto. Nossos dados nos mostraram que VI<sub>DANAR</sub> não está, de fato, relacionado à marcação de

tempo. Na ocorrência (11), já analisada anteriormente e repetida aqui com nova numeração para a comodidade do leitor,  $V1_{DANAR}$  encontra-se no pretérito perfeito, mas o tempo é o presente:

(50) **agora danei** a espirrar! (*TWITTER*, grifo nosso)

O verbo *DANAR* então se refere puramente ao tempo interno da ação. Está relacionado à situação de *espirrar*, não está situando a ação de espirrar em um momento anterior ao momento da fala, visto que o advérbio *agora* deixa claro em que tempo o falante está situando sua ação. Também nos exemplos que se seguem, vemos claramente que *DANAR* não se presta à marcação do tempo. Podemos ver que, para a atualização do tempo futuro, lança-se mão da *relevância do presente* e  $V1_{DANAR}$  presta-se puramente para a marcação de aspecto. Não encontramos  $V1_{DANAR}$  conjugado no futuro, o que nos pareceria estranho:

(51) ? Ela **danará** a falar.

Mas não porque o falante deixa de expressar o aspecto inceptivo com prolongamento da ação no futuro; isso ocorre, conforme vemos nas ocorrências a seguir:

(52) Deixa quieta senão ela vai **danar a falar**. (*TWITTER*, grifos nossos).

(53) Se eu não ficar na internet you me **danar a comer** e ficar com azia depois. (*TWITTER*, grifos nossos).

No entanto, o tempo futuro não foi expresso pelo  $V1$  da construção aqui em estudo, mas pelo auxiliar *ir*. É como se tivéssemos um auxiliar para a construção  $V1_{DANAR} + (\text{pron}) + (\text{prep}) + V2_{\text{infinitivo}}$  para atualizar a categoria tempo que não foi atualizada pelo  $V1$  da construção aqui em estudo. Nesse caso, atuou a *relevância do presente* para a formação do tempo futuro, o que poderíamos resumir da seguinte forma:

$[V1IR_{\text{presente}} + [V1_{DANAR} + (\text{pron}) + (\text{prep}) + V2_{\text{infinitivo}}]] =$  Marcação de aspecto inceptivo com prolongamento da ação no futuro.

Vitral (2012) explica que “a partir do ponto agora do momento da fala, instalado na situação do diálogo, os falantes buscam se orientar, a fim de exprimir o jogo das relações **temporais** dos eventos e também de criar formas do passado e do futuro.” (p. 76, grifo nosso). Como a inovação linguística em estudo neste trabalho não é para a criação de formas que expressam tempo, mas aspecto, justifica-se o recrutamento de itens que não são do presente.

Acreditamos que o início do processo de gramaticalização para marcação do aspecto inceptivo com prolongamento da ação se dê com formas do passado pelo fato de esse aspecto traduzir uma ação que começou e se prolongou no tempo e, uma vez que essa ação se prolongou, seu início já ficou no passado. É como se a constituição temporal interna (o aspecto da ação) tivesse um passado, embora essa ação temporalmente esteja ocorrendo no presente, como é o caso do já citado exemplo *Agora danei a espirrar*. O prolongamento da ação de *espirrar* se dá no momento da fala, o presente, marcado pelo advérbio *agora*; mas, como a constituição temporal interna da ação prevê um prolongamento após um início, durante o prolongamento<sup>54</sup> o início já ficou no passado, mas no passado da constituição temporal interna da ação.

As especificidades do aspecto inceptivo com prolongamento da ação descritas no parágrafo anterior são, a nosso ver, o que justifica o recrutamento de V1<sub>DANAR</sub> no passado. Nossa hipótese é de que a *relevância do presente* seria pertinente para a formação de construções que expressam a categoria gramatical tempo, não sendo aplicada para a formação de construções que expressam a categoria gramatical aspecto.

Apesar de atualmente os verbos auxiliares das perífrases que marcam inceptividade aparecerem em vários tempos verbais (*começou a falar/ começa a falar/ começará a falar*), uma pesquisa no *Corpus do Português* nos mostrou que vários dos verbos que marcam inceptividade (*começar, danar, desandar, garrar e desatar*) surgiram na forma gramatical (V1 + V2inf) em frequência muito maior no tempo passado. Diante disso, uma possível hipótese é a de que os verbos que formam construções para a marcação de aspecto sejam recrutados do tempo passado.

Outro fator que julgamos necessário ponderar nesta análise diz respeito ao tipo textual. Sabemos que o tempo passado é a forma por excelência do tipo textual narrativo e verificamos no *Corpus do Português* que as primeiras ocorrências das construções gramaticais *começar a, danar a, desandar a, garrar a e desatar a* ocorreram em textos

---

<sup>54</sup> Lembramos que esse prolongamento pode-se dar por duração contínua ou iteração.

narrativos. Em trabalho sobre as estruturas narrativas e espaços mentais, Azevedo (2006), apresenta, entre outras abordagens, a narrativa na perspectiva da psicologia. Segundo a autora,

nesta abordagem, narrativa é um modo de compreensão humana básico, não apenas um tipo literário. Edwards (1997) acrescenta que em Bruner (1990) narrativa é definida como "um modo de pensamento e ação descritível em termos que possa ser relacionado a planos cognitivos e representações" (Edwards,1997:269) . É através da narrativa que organizamos nossa experiência do mundo social. (AZEVEDO, 2006, p.46-47)

Sendo a narrativa um modo de compreensão humana básico, nossa hipótese é a de que os processos de gramaticalização se iniciam nessa estrutura textual básica. Os dados nos mostraram ainda que as construções gramaticais observadas parecem emergir do domínio dos eventos narrativos (figura) em detrimento do domínio suporte (fundo). Poderíamos justificar ainda o início dos processos de gramaticalização que codificam aspecto se dar em narrativas dadas algumas semelhanças entre a função dessa categoria e a das narrativas. Castilho (2010) define a categoria aspectual como

[...] uma das gramaticalizações da categoria VISÃO. É como se o falante, tangido por um inesperado transporte místico, visualizasse de fora, do alto, do além, os estados de coisa que ele mesmo acionou, separando diligentemente (i) o que dura, (ii) o que começa e acaba e (iii) o que se repete. (CASTILHO, 2010, p. 417, grifo do autor)

Quando alguém está narrando, está justamente apresentando sua VISÃO de determinado ocorrido, permitindo que seu ouvinte tente visualizar o fato de fora da situação ocorrida.

Se o recrutamento de formas do passado para a posição V1 de construções que codificam a categoria aspecto é um processo universal, um princípio subjacente a todos os processos de gramaticalização para marcação de aspecto, como parece demonstrar nossa parca consulta ao *Corpus do Português*, é uma pergunta que nos fazemos agora e um questionamento que fica em aberto para pesquisas futuras, dada nossa limitação para este trabalho. O surgimento de novas indagações é, contudo, uma das belezas dos trabalhos científicos e abre caminho para pesquisas posteriores.

Para encerrar, defendemos aquilo que já vínhamos sinalizando ao longo do trabalho: ao contrário do que Travaglia (2010) propõe, DANAR não pode ser considerado um concorrente, no sentido laboviano do termo, de *começar/passar*, visto que “danar a”<sup>55</sup>, que

---

<sup>55</sup> Forma como Travaglia (2010) registra a construção.

aqui codificamos como  $V1_{\text{DANAR}} + (\text{pron}) + (\text{prep}) + V2_{\text{infinitivo}}$ , expressa mais que os valores aspectuais de inceptivo/início atualizados por *começar/passar* e propostos por Travaglia (*op. cit.*). Conforme vimos ao longo de toda a análise DANAR cumula mais do que a inceptividade, atualiza o aspecto inceptivo e também o prolongamento da ação (aspecto durativo). Assim, se não há o mesmo valor de verdade entre os dois verbos e, conforme Labov (1972), “as variantes são idênticas quanto à referência ou ao valor de verdade (...)” (p. 271, tradução nossa)<sup>56</sup>, *começar/passar* e DANAR não podem ser concorrentes.

Frente à análise empreendida neste capítulo, que nos evidenciou o aumento da frequência do item gramatical, a restrição dos contextos sintáticos da construção, a abstração do item, a extensão semântica e a aplicação dos princípios de Hopper (1991) aos dados, confirmamos a hipótese inicial de que DANAR estaria passando por um processo de gramaticalização para a expressão da categoria verbal aspecto.

Passamos, a seguir, às considerações finais deste trabalho.

---

<sup>56</sup> “the variants are identical in referential or truth value (...)” (LABOV, 1972, p.271)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral deste trabalho consistiu em estudar, numa perspectiva diacrônica, o processo de gramaticalização do verbo DANAR para a marcação de aspecto no Português Brasileiro. Para isso, desenvolvemos uma análise na interface gramaticalização/variação linguística. A recorrência à teoria da variação linguística se justificou porque um de nossos objetivos específicos foi mostrar que, ao contrário do que defendeu Travaglia (2010), “danar a”<sup>57</sup> não pode ser considerado um concorrente, no sentido laboviano do termo, de *começar/passar*, já que “danar a”, que aqui codificamos como  $V1_{\text{DANAR}} + (\text{pron}) + (\text{prep}) + V2_{\text{infinitivo}}$ , expressa mais que os valores aspectuais de inceptivo/início propostos por Travaglia (*op. cit.*), não havendo, portanto, o mesmo valor de verdade entre as duas construções. Defendemos neste trabalho que  $V1_{\text{DANAR}} + (\text{pron}) + (\text{prep}) + V2_{\text{infinitivo}}$  cumula dois valores aspectuais, o inceptivo e o durativo, expressando o que chamamos de inceptivo com prolongamento da ação.

Partimos da hipótese de que, para marcar tal aspecto, o verbo DANAR passou por um processo de gramaticalização. Para testarmos essa hipótese, lançamos mão do banco de dados *Corpus do Português* em busca de ocorrências desse verbo no Português Brasileiro. Em nosso banco de dados, DANAR apareceu no Português Brasileiro no século XIX e apenas em sua forma lexical. Foi no século XX que encontramos as primeiras ocorrências de DANAR gramatical. Contudo eram apenas 6 ocorrências gramaticais, o que nos comprovou a mudança categorial de DANAR, mas julgamos não ser suficiente para uma análise mais profunda da construção em que DANAR figurou para marcação de aspecto. Por esse motivo, e após verificar que essa construção era bem típica da oralidade em contextos informais, decidimos lançar mão da rede social *Twitter* (a qual tem registro escrito, mas apresenta traços da oralidade informal) em busca de mais ocorrências da construção. Os dados obtidos nesses nossos *corpora* foram analisados conforme os critérios vigentes na literatura para identificação de um item em processo de gramaticalização: o critério da frequência, o critério sintático de coesão entre os itens da construção, o critério semântico e os princípios de Hopper (1991).

Com base no critério da frequência, a hipótese da gramaticalização foi comprovada apenas parcialmente, já que – apesar da diminuição nos percentuais da

---

<sup>57</sup> Como Travaglia (2010) registrou a construção.

frequência do verbo como predicador, que está incluído no rol das ocorrências lexicais, e do aparecimento da forma gramatical no século XX – o aumento da frequência total de DANAR não resultou apenas do aumento da frequência gramatical, mas também da expansão que esse item sofreu no léxico com o expressivo aumento das expressões idiomáticas com o verbo DANAR e o aparecimento de outros sentidos que não foram registrados etimologicamente. Os dados evidenciaram, então, que, paralelamente ao processo de gramaticalização, DANAR sofre também um processo de lexicalização. A comparação dos dados dos três séculos estudados permitiu ainda constatar a redução de DANAR concreto e o aumento de DANAR abstrato. Apesar do aumento da frequência de DANAR não resultar apenas do aumento da frequência gramatical, é inegável o fato de que DANAR esteja passando por um processo de gramaticalização, dado o aumento do número de ocorrências gramaticais no *Twitter* (século XXI) em relação ao século XX.

O critério sintático buscou verificar se, conforme a literatura prevê (cf. HEINE & REH, 1984, LEHMANN (2002 [1982])), houve, com o avanço do processo de gramaticalização do item, redução dos contextos sintáticos – já que há uma tendência de as formas se tornarem mais fixas à medida que passam do léxico para a gramática – e ausência de material interveniente entre os elementos constituintes da construção. Os dados mostraram que houve, da passagem do século XX para o XXI, um aumento no número de possibilidades sintagmáticas, mas concluímos que não podemos considerar isso uma expansão de contextos sintáticos, pois esse maior número de formas em que a construção se atualiza deve-se à maior possibilidade de movimentação do clítico dentro da construção, mas esse clítico continuou aparecendo onde já aparecia, antes ou após V1 e antes de V2. Na análise dos fatores sintáticos da construção, verificamos ainda que o clítico que aparece em algumas ocorrências da construção, como em *Tem gente que dana-se a falar e não fica block, eu tenho essa sorte* (TWITTER, grifo nosso), é um vestígio da história de DANAR lexical, que é pronominal em algumas de suas acepções. Vimos que esse fato está relacionado ao princípio da persistência de Hopper (1991), segundo o qual, quando uma forma é submetida à gramaticalização, alguns vestígios de sua história original podem ser refletidos na sua distribuição gramatical. Outro fato que inicialmente nos levou a crer que havia uma expansão de contexto sintático no fenômeno aqui estudado foi o aparecimento, no século XXI, das preposições *para* e *em* na posição em que, no século XX, só figurava *a* e *de*. No entanto, chegamos à conclusão de que tal fato também não poderia ser considerado uma expansão de contexto, pois as preposições apareceram na mesma posição em que *a* e *de* apareciam (entre V1 e V2), além de também serem preposições de movimento. O aumento das possibilidades sintagmáticas de V1<sub>DANAR</sub>,

evidenciado pelos dados, que também levou inicialmente a pensar em expansão de contextos, nada mais é, pois, do que aumento no número de flexões verbais, o que é próprio da natureza do verbo.

Os dados coletados mostraram ainda que a construção já nasceu bastante coesa e que está caminhando para um estágio de coesão ainda maior, dado que, no século XXI, já foram encontradas construções sem a presença da preposição entre V1 e V2.

Outro indício a favor da restrição sintagmática de contexto, a qual sinaliza o fenômeno da gramaticalização, foi o fato de que a forma nominal selecionada para V2 foi apenas o infinitivo.

Sobre as funções dos elementos constituintes da construção aqui em estudo para a marcação do aspecto inceptivo com prolongamento da ação, pudemos observar que ao verbo principal não compete apenas a expressão da carga semântica da construção, mas também a função de auxiliar na precisão da categoria aspectual. Mostramos que se V2 não fosse relevante para a marcação do aspecto, era de se esperar que na construção V1<sub>DANAR</sub> + (pron) + (prep) + V2<sub>infinitivo</sub> V2 pudesse aparecer nas formas de gerúndio e de particípio, formas possíveis para a posição de V2 de várias construções. No entanto, isso não ocorreu, pois essas duas formas nominais carregam noções aspectuais que causariam incompatibilidade semântica com a expressão de aspecto inceptivo com prolongamento da ação. Vimos também que a preposição da construção que se junta a V2 é importante para a expressão do aspecto inceptivo com prolongamento da ação. Observamos ainda que as preposições encontradas na construção aqui em estudo (*a, de, para e em*) são todas preposições relacionadas à noção de movimento, noção que se mostrou subjacente ao verbo DANAR e gatilho para a marcação do aspecto inceptivo com prolongamento da ação, conforme vimos na seção sobre os mecanismos cognitivos envolvidos no processo de gramaticalização de DANAR.

Na análise dos aspectos semânticos, assumimos que DANAR passou por um processo metafórico de abstração semântica, o que possibilitou o esvaimento dos sentidos concretos até chegarmos ao uso gramatical. Acreditamos que esse processo metafórico cognitivo foi o desencadeador da tradução do aspecto inceptivo com prolongamento da ação na construção aqui estudada. Para chegarmos a isso, baseamo-nos em Sigiliano (2012), segundo a qual a motivação cognitiva para empregar verbos auxiliares (V1) não prototípicos em construções inceptivas é a metáfora do movimento, que provém dos chamados esquemas imagéticos (ou esquemas de imagem), os quais são esquemas sensório-motores e emergem da interação entre corpo e ambiente, sendo os responsáveis por muitas de nossas expressões. Assumimos ainda que, uma vez que há mais de uma noção aspectual (iterativo e durativo) em

V1<sub>DANAR</sub> + (pron) + (prep) + V2<sub>infinitivo</sub>, a motivação cognitiva para empregar essa construção como marcadora desses aspectos estaria relacionada a metáforas ligadas também a mais de um esquema imagético, os quais seriam movimento e força. Mostramos que essas metáforas já se faziam presentes nos sentidos concretos de DANAR e acreditamos que esses esquemas imagéticos que já subjaziam DANAR concreto foram o que permitiu que esse verbo, não prototípico para marcação de aspecto, pudesse atualizar essa categoria gramatical. Observamos a noção de movimento em DANAR gramatical considerando a clássica metáfora *tempo é espaço* (LAKOFF e JOHNSON, 2002), a qual implica que deslocamento pelo espaço é deslocamento no eixo do tempo. DANAR marca o início do deslocamento/movimento da ação no tempo, metaforizado como espaço. O esquema imagético força se mostrou presente em DANAR gramatical, impulsionando e permitindo que a ação expressa pela construção se prolongasse no tempo.

Vimos ainda que essas questões cognitivas relacionadas ao verbo DANAR influenciaram na seleção de V2 da construção aqui em estudo. Tanto no século XX, quanto no século XXI, prevalecem em V2 os verbos de ação e de emoção, o que pode ser explicado pelas metáforas (i) Ação é **movimento**. (KÖVECSSES, p. 185, 2010, tradução nossa, grifo nosso)<sup>58</sup> e (ii) Emoção é uma **força** natural. (KÖVECSSES, p. 108, 2010, tradução nossa, grifo nosso)<sup>59</sup>.

Na seção de análise semântica, mostramos ainda os diversos sentidos de DANAR ao longo dos três séculos estudados, o que evidenciou a polissemia do item e a incorporação de novos semas no nível gramatical e no lexical, o que novamente confirmou que gramaticalização e lexicalização são fenômenos linguísticos que se processam num *continuum* paralelo.

O aumento da frequência do item gramatical, a restrição dos contextos sintáticos da construção, a abstração do item e a extensão semântica, discutidos no capítulo de análises e resultados, confirmaram a hipótese inicial de que DANAR estaria passando por um processo de gramaticalização para a expressão da categoria verbal aspecto. A análise da construção tomando por parâmetro os princípios de Hopper (1991) também confirmou a gramaticalização de DANAR.

Encerrando o capítulo de análise, mostramos como o fato de V1 da construção aqui estudada ocorrer prioritariamente no pretérito contraria o fenômeno da *relevância do presente* estudado por Fleishman (1982), Kurylowicz (1965) e apresentado por Vitral (2012),

<sup>58</sup> “Action is motion.” (KÖVECSSES, p. 185, 2010)

<sup>59</sup> “Emotion is a natural force.” (KÖVECSSES, p. 108, 2010)

uma vez que, segundo esses autores, são do tempo presente as formas recrutadas para a formação de construções inovadoras, como é o caso da aqui estudada. Propomos que o recrutamento de formas do passado estaria relacionado à natureza da categoria verbal aspecto e ao tipo textual narrativo, no qual se iniciam os processos de gramaticalização para a marcação de aspecto, conforme verificamos após um breve consulta ao *Corpus do Português*. Essa proposta de análise abriu caminho para pesquisas futuras verificarem se o recrutamento de formas do passado para a posição V1 de construções que codificam a categoria aspecto, bem como o início do processo de gramaticalização em textos narrativos, seria um processo universal, um princípio subjacente a todos os processos de gramaticalização para marcação de aspecto.

Por fim, acreditamos que este trabalho, além de colaborar para a descrição científica do Português Brasileiro, possa fomentar os estudos sobre o aspecto, categoria pouco visitada pelos estudos linguísticos. Se em 1985 Travaglia inicia seu livro *O aspecto verbal no português*, um dos principais trabalhos sobre essa categoria na Língua Portuguesa, alertando-nos para o fato da pouca atenção que tem sido dada à categoria de aspecto, quase trinta anos depois a realidade parece não ter mudado muito, o que justifica a relevância deste estudo. Esperamos que os resultados, bem como as generalizações aqui alcançadas, motivem novas investigações e pesquisas futuras.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Adriana Maria Tenuta. *Estrutura narrativa e espaços mentais*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

BUENO, Francisco da Silveira. *Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa: vocábulos, expressões da língua geral e científica-sinônimos; contribuições do tupi-guarani*. São Paulo: Ed. Brasilia, 1974.

BYBEE, Joan. Mechanisms of Change in Grammaticalization: the Role of Frequency. In: BRIAN, Joseph; JANDA, Richard. (orgs.). *The handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003. cap. 19, p. 602-623.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Introdução ao estudo do aspecto verbal na Língua Portuguesa*. Marília: Fac. de Fil., Ciências e Letras, 1968.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. A gramaticalização. *Estudos lingüísticos e literários*. Salvador, v. 19, p.25-63, Mar. 1997.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

CASTILHO, Ataliba. Teixeira. *O ensino de português na era da comunicação*. Belo Horizonte, 2013. (Palestra apresentada na UFMG em 10 de agosto de 2013).

COELHO, Sueli Maria. *Estudo diacrônico do processo de expansão gramatical e lexical dos itens TER, HAVER, SER, ESTAR e IR na Língua Portuguesa*. 2006. 323 f. Tese (doutorado em Estudos Lingüísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

COELHO, Sueli Maria. Expansão gramatical e expansão lexical: dois processos lingüísticos paralelos. In: VITRAL, Lorenzo; COELHO, Sueli. (orgs.). *Estudos de processos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações*. Campinas: Mercado de Letras, 2010, v.1, p. 333-346.

COELHO, Sueli Maria. *A concorrência entre as construções (a)garra(r), danar (a), dar pa(r)a, destar a, desandar a e (des)tampara + V2 para expressão cumulativa de aspecto no português brasileiro*. Natal, 2013 (Comunicação apresentada no VIII Congresso Internacional da ABRALIN).

COMRIE, Bernard. *Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

COSTA, Sônia. Bastos Borba. *O aspecto em Português*. São Paulo: Contexto, 1990.

COSTA, Sônia. Bastos Borba. *O aspecto em português*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

COSTA, Sônia. Bastos Borba. *O aspecto em Português*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2. ed. rev. e acrescida de um suplemento. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Lexikon: FAPERJ, 2010.

Corpus do Português: 45 million words, 1300s-1900s. Desenvolvido por Mark Davies e Michael Ferreira. Apresenta *Corpus* da Língua Portuguesa, com 45 milhões de palavras de quase 57.000 textos em português do século XIII ao século XX. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org>>. Acesso em: 12 set. 2011.

FARIA, Ernesto. *Dicionário latino-português*. Rio de Janeiro: Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2003.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite *et al.* *Introdução à gramaticalização*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HEINE, Bernd; HEH, Mechthild. *Grammaticalization and reanalysis in African languages*. Hamburg: Helmut Buske, 1984.

HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1991.

HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike. From Cognition to Grammar: Evidences from African Languages. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd (orgs.) *Approches to Grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991b, p. 149-188.

HEINE, Bernd. Grammaticalization. In: BRIAN, Joseph; JANDA, Richard. (orgs.). *The handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003. cap. 18, p. 575-601.

HOPPER, Paul. On some principles of grammaticization. In TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd. (orgs.). *Approches to grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991, p. 17-36.

HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KÖVECSES, Zoltan. *Metaphor: A Practical Introduction*. 2. ed. New York: Oxford University Press, 2010.

LABOV, William. The reflection of Social Processes in Linguistic Structure. In: FISHMAN, Joshua (ed.). *Reading in the Sociology of Language*. The Hague: Mouton, 1968, p. 240-51.

LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, William. *Principles of Linguistic Change: internal factors*. Cambridge: Blackwell, 1994.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Coordenação de tradução: Mara Sophia Zanotto. São Paulo: Mercado das Letras, 2002.

LEHMANN, Christian. *Thoughts on grammaticalization*. 2. ed. rev. Erfurt: Seminar für Sprachwissenschaft der Universität Erfurt, 2002, (PDF) Disponível em: < <http://www.db-thueringen.de/servlets/DerivateServlet/Derivate.../ASSidUE09.pdf>>. Acesso em 27 mar. 2012.

LYONS, John. *Introdução à Linguística Teórica*. Trad. Rosa Virgínia Mattos e Silva e Hélio Pimentel. São Paulo: Cia Editora Nacional/EDUSP, 1979, p.285-290; 320-333)

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, Luiz. Antonio. Aspectos da questão metodológica na análise da interação verbal: o continuum qualitativo-quantitativo. *Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso*, Caracas, v. 01, n.1, p. 23-42, 2001.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZÁRIO, Maria Maura. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: UFRJ – Grupo de Estudos Discurso & Gramática, 1996.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (orgs.) *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves: Acadêmica, 1952-1955. 2 v.

OLIVEIRA, Roberta Pires de. Semântica. In.: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001. v. 2, cap. 1, pp. 17-46.

Projeto Mineirês: A construção de um dialeto. Desenvolvido pelo Núcleo de Pesquisa em Variação Linguística (NUPEVAR) da UFMG. Apresenta um banco de dados dos mais antigos núcleos populacionais em Minas Gerais, a saber, Ouro Preto e Mariana. Disponível em: <<http://www.letas.ufmg.br/mineires/>>. Acesso em: 11 mar. 2012.

SARAIVA, Francisco Rodrigues dos Santos; QUICHERAT, Louis. *Novíssimo dicionário latino-português*. 10. ed. Rio de Janeiro: Garnier, 1993.

SIGILIANO, Natália Sathler. *O telefone tocô eu peguei e: quem tá falano?* - A polissemia do verbo PEGAR. 2008. 133 f. Dissertação (Mestrado em Letras - Linguística) - Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF. Juiz de Fora, 2008.

SIGILIANO, Natália Sathler. Persistência e extensão na construção inceptiva em [v1fin (prep) v2inf] do português. *Letras & Letras*, Uberlândia, v. 27, p. 127-142, 2011.

SIGILIANO, N. S. Evidências translinguísticas da metáfora de movimento na construção de aspecto inceptivo. *Linguística*, Rio de Janeiro, v. 8, p. 33-48, 2012.

SILVA, Augusto Soares. O sentido múltiplo: polissemia, semântica e cognição. In: Heloísa Pedroso de Moraes Feltes (org.), *Produção de Sentido. Estudos transdisciplinares*. São Paulo, Caxias do Sul: Editora a Universidade de Caxias do Sul, 2003, p. 91-115.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1986

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; DASHER, Richard. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *O aspecto verbal no Português: A categoria e sua expressão*. 3. ed. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 1981. v. 1.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *O aspecto verbal no Português: a categoria e sua expressão*. ed. rev. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 1985, p.49-54.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Gramaticalização de verbos – Relatório de pesquisa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras / UFRJ, Relatório de Pós-Doutorado em Linguística, 2002.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. A gramaticalização do verbo começar. In: Luiz Carlos Travaglia; Ernesto Sérgio Bertoldo; Fernanda Mussalim; Maura Alves de Freitas Rocha; Maurício Viana de Araújo. (Org.). *Linguística: caminhos e descaminhos em perspectiva*. Uberlândia: EDUFU, 2006.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Uma gramaticalização em cadeia para indicação de aspectos. In.: VITRAL, Lorenzo; COELHO, Sueli. (orgs.). *Estudos de processos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010. cap. IV, p. 105-137.

Twitter. Desenvolvido por Jack Dorsey, Evan Williams, Biz Stone e Noah Glass, 2006. Rede social e servidor para microblogging, que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos em textos de até 140 caracteres, conhecidos como tweets. Disponível em: < <https://www.twitter.com/>>. Acesso em 31 dez. 2012.

VITRAL, Lorenzo Teixeira; COELHO, Sueli Maria. A gramaticalização de danar a, destampar a e garrar a + infinitivo e a expressão cumulativa de aspecto. *Caligrama*, Belo Horizonte, v. 16, 2011.

VITRAL, Lorenzo. A inovação linguística: subjetificação e luta por reconhecimento. *Rev. Est. Ling.*, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 65-98, jan./jun. 2012